Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 263
Mês: Janeiro
Ano: 2021
Preço: R$ 5,00

JL digital
ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Centenário do patrono da educação brasileira

Na visão do educador, escritor e filósofo pernambucano Paulo Freire, a leitura (e, no mesmo sentido, a escrita) somente faz sentido se for acompanhada da capacidade de perceber o mundo, de reconhecer os papéis desempenhados por cada um na estrutura social. Seu método de ensino agia com base nas palavras que faziam parte do cotidiano. O foco não era no conteúdo ensinado, mas no processo de aprendizagem.
(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Editorial

A educação brasileira deve muito a Paulo Freire. O seu livro mais famoso, *A Pedagogia do Oprimido*, fez carreira dentro e fora do nosso território, como um best-seller muito apreciado. É claro que houve reações contrárias, considerando a obra muito esquerdizante. Isso não impediu que ela fizesse enorme sucesso, ao lado de outras, igualmente importantes na nossa bibliografia. Depois de uma época em que Paulo Freire esteve asilado, ele voltou ao Brasil e teve a compensação (relativa) pelos dias de sofrimento. Foi escolhido para ser secretário Municipal de Educação de São Paulo e pôde colocar em prática as suas teorias. Pelo que escreveu e teorizou a respeito de educação, Paulo Freire tornou-se um dos grandes nomes da nossa educação – e, como tal, é largamente reconhecido. Daí o sentido da nossa homenagem, colocando o seu nome na capa deste número que inicia o ano de seu centenário. Esperamos que apreciem esta lembrança.

O editor.

Neste número, o **Jornal de Letras** antecipa os cumprimentos aos acadêmicos aniversariantes de fevereiro: 1. Geraldo Hollanda Cavalcanti (06/02), 2. Edmar Bacha (14/02), 3. Sérgio Paulo Rouanet (23/02), 4. Cícero Sandroni e 5. Evanildo Bechara (26/02). Na última edição de 2020, antecipamos as homenagens aos acadêmicos que sopram velinhas este mês (Carlos Nejar, Evaldo Cabral de Mello, Alberto Venancio Filho e Domício Proença. Saúde para todos!

Expediente

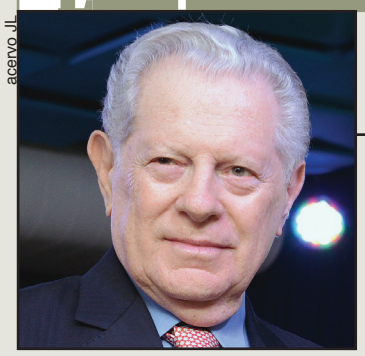
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier


acervo JL

Joseph Safra, um homem generoso

Do convívio de muitos anos com o banqueiro Joseph Safra, posso concluir que se tratava de um homem extremamente generoso. Ele faleceu aos 82 anos, de causas naturais. Deixou, no seu país de adoção (nasceu no Líbano), uma extraordinária obra Social e financeira. Caberá aos seus quatro filhos prosseguir com o sucesso do Banco Safra e seus desdobramentos, todos bem-sucedidos.

Dele recebemos um apoio permanente. Estivemos juntos no casamento da sua sobrinha Ester com Cláudio Szajman, e em outras oportunidades, como na palestra feita no Hotel Renaiscense, tendo como tema "A presença do judaísmo na sociedade brasileira". Sempre muito tímido, ao lado da querida esposa Vicky, sentou-se no fundo do auditório, para não ser percebido, como era seu hábito. Mas não deixou de aplaudir o orador, depois de tudo encerrado.

Com um grande interesse por questões culturais, foi o braço direito da esposa na edição contínua da excelente revista *Morashá*, de artigos essenciais sobre a vida judaica. Tinha orgulho da publicação.

Joseph, que os íntimos chamavam de José, exerceu uma intensa atividade filantrópica, como aconteceu com diversos hospitais (Sírio-Libanês e Einstein) e outros tantos no Rio de Janeiro. Os seus recursos financeiros alimentaram atividades de pesquisa em nosso país, sem contar as inúmeras ações desenvolvidas no Estado de Israel. Era um conceituadíssimo benfeitor.

Além do que enumeramos, ele tinha a admiração do mundo financeiro. O meu amigo Luís Carlos Trabuco Cappi, presidente do Conselho de Administração do Bradesco, escreveu um bonito artigo, na *Folha de São Paulo*, afirmando que o seu nome se inscreve na geração de banqueiros por vocação. E mais: "Ele pertenceu a uma estirpe, da qual também fizeram parte homens como Amador Aguiar, Walter Moreira Salles, Olavo Setubal, Lázaro de Mello Brandão e Aloísio Faria. Safra foi um ícone entre seus pares pela liderança silenciosa que exercia, baseado sempre na credibilidade."

Vamos ter saudade de Joseph Safra. Dos seus preciosos conselhos, como os recebidos ainda na Manchete, que ele gostava de frequentar, para papos memoráveis com Adolpho Bloch. Que Deus o acolha com o carinho merecido.

"O sucesso sempre incomoda os medíocres ambiciosos, os sonhadores incapazes, os fracassados em geral."

Rubem Fonseca

"Cada qual sabe amar a seu modo; o modo pouco importa; o essencial é que saiba amar."

Machado de Assis

Homenagem a Joseph Safra

Por Maria Cabral

A morte do banqueiro Joseph Safra foi recebida com pesar não só no setor financeiro como em toda a sua legião de amigos e admiradores. Fundador do Banco Safra, ele morreu aos 82 anos, de causas naturais, no dia 10 de dezembro de 2020. Em nota, a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) disse que Safra foi "um exemplo como empresário e filantropo", com contribuições marcantes para escolas, museus e instituições no Brasil e no exterior: "O legado de sua atuação no desenvolvimento da economia nacional ficará sempre marcado na história do Brasil, país que ele adotou 58 anos atrás", afirmou a entidade.

Joseph, ou "seu José", como era chamado pelos mais próximos, era o bilionário brasileiro mais rico, com uma fortuna estimada em 17,6 bilhões de dólares (cerca de 89,8 bilhões de reais segundo a taxa de câmbio da agência de notícias Bloomberg). No ranking mundial, ficava na posição 101.

Origem

Joseph Safra nasceu em 1938, em Beirute, no Líbano, dentro de uma família judaica com mais de um século de experiência no setor bancário. Suas origens também estão na cidade de Alepo, na Síria, onde seu pai Jacob Safra nasceu.

Muito antes de pensar em ter filhos e se mudar para o Brasil, Jacob viveu na tradicional cidade do norte sírio, ponto de confluência dos três continentes e rota das caravanas que capitaneavam o comércio terrestre entre o Ocidente e o Oriente.

Aos 23 anos, Jacob foi enviado pelo tio Ezra Safra a Beirute, no Líbano, para abrir uma filial do Safra Frères & Cie, que pertencia à sua família desde meados do século XIX. Fundou um novo banco em 1920. Dessa vez com seu nome: Banco Jacob E. Safra. Ampliou, assim, as atividades da família, no Oriente Médio, ficando famoso por converter rapidamente os valores entre diversas moedas para seus clientes. Casou-se com Ester Teira Safra e ter nove filhos. Entre eles, nasceu Joseph.

Jacob Safra decidiu deixar o Líbano e partir para a América Latina. Escolheu o Brasil. Em 1952, instalou-se com a família em São Paulo,

cidade que abrigava uma grande colônia sírio-libanesa. Mas a família Safra não veio completa para a capital paulista. Joseph foi concluir o segundo grau na Inglaterra. Depois disso, seguiu para os Estados Unidos, para trabalhar no Bank of America. Só em 1962, após uma passagem pela Argentina, ele se juntou a seu pai e irmãos, no Brasil, para tocar a instituição financeira fundada cinco anos antes.

Inovações

Com a experiência de mais de um século como banqueiros, a família Safra trouxe ao Brasil técnicas já aplicadas em mercados financeiros mais desenvolvidos, como o do Oriente Médio, mas ainda estranhas ao mercado nacional.

Entre as inovações, trouxeram o uso da letra de câmbio como meio de financiamento para operações e davam rendimento ao dinheiro em suas contas, em um primórdio da conta remunerada – hoje utilizada por diversas instituições e bancos digitais.

A estabilidade e o conservadorismo do Banco Safra – oficialmente fundado em 1967 com o nome de Banco de Santos – atraiu parte da riqueza paulistana e ganhou a fama de ser o "banco dos banqueiros". Seu lema era uma frase de Jacob: "Se escolher navegar os mares do sistema bancário, construa seu banco como construiria seu barco: sólido para enfrentar, com segurança, qualquer tempestade." Para Joseph, a manutenção da reputação e da solidez do Safra era a alma do negócio.

Arte e filantropia

A sobrenome Safra é reconhecido no mundo da filantropia. A família distribui parte de sua fortuna em iniciativas na medicina, nas artes, dentro e fora da comunidade judaica.

Joseph foi um dos principais doadores dos hospitais paulistanos Albert Einstein e o Sírio-Libanês, além de apoiar associações beneficentes como a Fundação Dorina Nowill para Cegos, o GRAAC, a Associação para Crianças e Adolescentes com Câncer, a Associação de Assistência à Criança Deficiente, a APAE e a Casa HOPE.

Na cultura, o banqueiro, por meio do Instituto J. Safra, doou esculturas de Auguste Rodin, Aristide Maillol e Camille Claude à Pinacoteca de São Paulo, patrocinando exposições e eventos de artistas brasileiros. Também fez doações para escolas judaicas e sinagogas, além de ter patrocinado um livro que resgata as raízes das famílias judaicas que deixaram o Oriente Médio para se instalar no Brasil.

Para o governo de Israel, Safra adquiriu e doou o manuscrito original da Teoria da Relatividade de Albert Einstein, exposto em um museu de Jerusalém.

O casal Joseph Safra e Vicky Serfaty teve 4 filhos e 14 netos.

JL Breves

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ O ACADÊMICO Marco Lucchesi foi reeleito para a presidência da ABL no ano de 2021. Terá como secretário-geral, Merval Pereira; primeiro-secretário, Antônio Torres; segundo-secretário, Edmar Bacha e tesoureiro, José Murilo de Carvalho.

◉ DESDE O FINAL de 2020, o site da Academia Brasileira de Letras apresenta, semanalmente, uma palavra ou expressão que passou a ter uso corrente na língua portuguesa, nos últimos tempos. Entre os vocábulos, estão apofuturismo, aporofobia, faunoduto, oligossintomático e sororidade.

◉ LANÇADO mundialmente no dia 1º de janeiro, *Vamos Sonhar juntos* (Ed. Intrínseca), do Papa Francisco, convida os leitores a refletir sobre o futuro pós-pandemia.

◉ O JORNALISTA mineiro Dauro Machado, cavaleiro da Ordem do Santo Sepulcro de Jerusalém, prepara o lançamento de três novos livros para este ano: *A Dama*, sobre a trajetória de Isis Penido à frente da OESSJ; *Dom Orani – o cardeal de todos, O Cardeal do Brasil* e *Os Escritos do Meu Prior*, com textos e reflexões do Monsenhor André Sampaio.

◉ *O FUTURO DO BRASIL* (Ed. Grupo GEN), com prefácio de Samuel Pessoa e orelha do ex-governador do ES Paulo Hartung, traz uma coletânea de textos assinados por uma nova geração de economistas com reflexões sobre a situação atual do Brasil, seus graves problemas e, principalmente, propostas para a retomada do crescimento.

◉ DEPOIS DO sucesso de *Se Eu Fechar os Olhos Agora* e *Vidas Provisórias*, Edney Silvestre lança este ano *Amores Improváveis*.

◉ ATÉ 15 DE janeiro, estarão abertas as inscrições para o 6º Prêmio Cepe Nacional de Literatura e para o 3º Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Infantojuvenil. As inscrições são por meio digital, no endereço www.cepe.com.br/premio-cepe.

◉ *TEM UM LIVRO AQUI QUE VOCÊ VAI GOSTAR* foi lançado pela Editora Sextante, com dicas literárias do ator Antonio Fagundes, que protagonizou a novela Bom sucesso como o editor Alberto.

◉ EM HOMENAGEM póstuma à avó Nazareth, esposa do acadêmico Odylo Costa Filho (1914-1979), sua neta Antonia Costa lançou *A Infância da Nazoca*, com histórias, depoimentos e ilustrações da pintora piauiense Maria de Nazaré Pereira da Silva Costa, com quem o saudoso acadêmico maranhense se casou em 1942, sob a bênção de três poetas: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Carlos Drummond de Andrade, padrinhos do casamento.

◉ NO LIVRO *Vasconcelos Torres – o senador do povo e os desafios do seu tempo*, escrito pelas professoras Andrea Telo da Corte e Ismenia de Lima Martins em homenagem ao centenário do político, as autoras resgataram a vida pública de Vasconcelos Torres (1920-1982), sua liderança política no antigo Estado do Rio de Janeiro e seu envolvimento em assuntos que são pautas importantes até hoje, como economia, meio ambiente, distribuição de renda e educação.

◉ A EDITORA Intrínseca comprou os direitos do primeiro livro de ficção de Quentin Tarantino. *Era uma Vez em Hollywood* sai no meio deste ano.

◉ FERNANDA DIAMANT, ex-curadora da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) inaugura, este ano, a Editora Fósforo, em sociedade com Rita Mattar (ex-Companhia das Letras) e o advogado Luís Francisco Carvalho Filho, ex-diretor da Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

◉ *EM JACOB DO BANDOLIM – UM CORAÇÃO QUE CHORA* (Editora Noir), Gonçalo Junior apresenta, em 672 páginas, a mais completa biografia do gênio musical, que passou à história como um irascível guardião das tradições do choro.

◉ ADIADO POR conta da pandemia de Covid-19, o segundo volume da trilogia *Escravidão*, de Laurentino Gomes, será lançado este ano, pela Globo Livros.

◉ JOEL BIRMAN lançou *O Trauma na Pandemia do Coronavírus – suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas* (Editora Civilização Brasileira).

◉ NA OBRA *No Tremor do Mundo* (Ed. Cobogó), os curadores Luísa Duarte e Victor Gorgulho organizaram ensaios que buscam criar uma memória do período marcado pela pandemia de Covid-19.

◉ O EDITOR E jornalista Roberto Feith prepara um livro sobre os desafios do jornalismo em tempos turbulentos. Para discutir o tema, reuniu Merval Pereira, Pedro Bial, Cristina Tardáguila, Caio Tulio Costa, Helena Celestino e Marina Amaral.

◉ EM *FRANCISCO, a Peste, o Renascimento*, o novo livro do vaticanista Marco Politi, que cobriu durante 20 anos o Vaticano para o jornal italiano *La Repubblica*, o negacionismo de Trump e Bolsonaro quanto à pandemia de Covid-19 é citado. Eles são lembrados como "os presidentes de mais de três milhões de contagiados".

◉ É SUCESSO DE vendas o livro lançado pelo jornalista Guga Chacra, *Confinado no Front*, abordando a pandemia em várias direções. Compara a cobertura jornalística da crise sanitária, entre outras situações, com o terremoto no Haiti e a Guerra da Síria.

◉ DOUTORA EM Letras pela UFRJ, Eurídice Figueiredo lançou *Por uma Crítica Feminista*, pela Editora Zouk.

◉ O LIVRO *A Confissão de Leontina*, da acadêmica Lygia Fagundes Telles, será publicado em espanhol pela editora mexicana Fondo de Cultura Económica (FCE), como parte da coleção de livros Vientos del Pueblo y Popular.

◉ *QUESTÕES DE VIAGEM*, uma seleção de poemas escritos nos anos em que a americana Elizabeth Bishop viveu no Brasil, foi traduzido por Paulo Henrique Britto e lançado pela Cia das Letras.

◉ COM TEXTOS de Giselle Melo e ilustrações de Cecília Murguel, *Flor de Menina* (Ed. Independente) cria uma narrativa poética para abordar a relação entre o homem e o meio ambiente.

◉ EM *IRMÃO DE ALMA* (Ed. Nós), romance que concorreu ao prestigioso Prêmio Goncourt, o franco-senegalês David Diop reconstitui a vida de soldados africanos que lutaram pela França nas duas guerras mundiais.

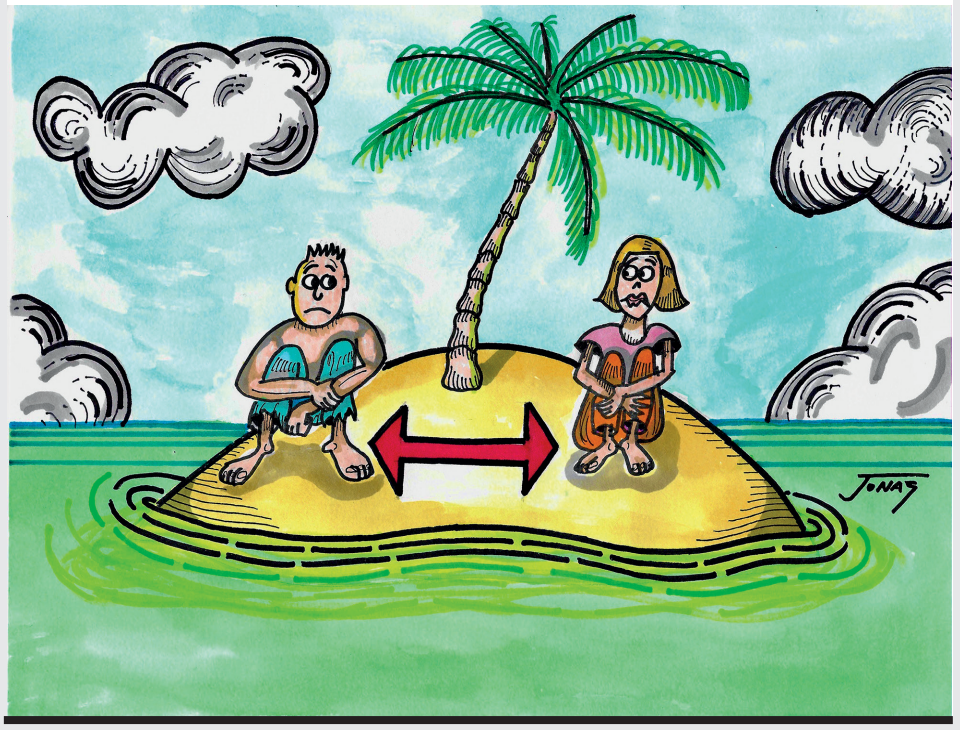
◉ DOIS ROMANCES sobre traumas históricos brasileiros venceram o Prêmio São Paulo de Literatura de 2020: *O Corpo Interminável*, da carioca Claudia Lage, e *Paraízo-Paraguay*, do catarinense Marcelo Labes.

◉ O JORNALISTA Fabiano Brasil, que comanda o programa Contraponto na Rádio Guaíba/Grupo Record, anuncia seu sexto livro, *O Amor que Nunca Sonhei*, com lançamento previsto para março.

JL Humor

por Jonas Rabinovitch rabinovitch@un.org

DISTANCIAMENTO SOCIAL



Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Atrasado

"À partir de hoje, não aceito mais suas desculpas", disse Ana Clara ao irmão que chegara atrasado.

A crase ocorre apenas quando há a contração do artigo definido **a** com a preposição **a**. Na locução **a partir de**, não há artigo definido, há apenas a preposição **a**, não havendo assim contração que origine a crase.

Dica! Uma forma fácil de decorar que não ocorre crase em "a partir de" é que nunca há crase antes de verbos.

Frase correta: "**A partir de** hoje, não aceito mais suas desculpas", disse Ana Clara ao irmão que chegara atrasado.

Companhia ruim

"A prima de Mariana era sempre chamada de desmancha-prazer nas festas do condomínio."

Será que a menina é tão chata assim?

Alguns substantivos compostos são usados somente no plural e este é um deles.

Período correto: "A prima de Mariana era sempre chamada de **desmancha-prazeres** nas festas do condomínio."

Passeio frustrado

"Hoje faremos nosso duzentésimo passeio nesse refúgio natural."

Aposto como o passeio foi um fiasco!

O numeral ordinal referente a 200º é **ducentésimo**.

Frase correta: "Hoje faremos nosso **ducentésimo** passeio nesse refúgio natural."

Aparecimento repentino

"Foi aí que apareceu as três meninas sumidas na cachoeira", disse Renata sobre o acidente, na cachoeira da cidade.

Ainda bem que apareceram com vida, mas a concordância verbal escorregou feio. O verbo (aparecer) deve concordar com o sujeito (três meninas) = **apareceram**.

Período correto: "Foi aí que **apareceram** as três meninas sumidas na cachoeira", disse Renata sobre o acidente, na cachoeira da cidade.

Frio demais

"A moça teve arripios de frio ao entrar na água gelada da cachoeira."

Aposto que ela sentiu mais frio ainda, pois não existe a palavra "arripio", o correto é **arrepio**.

Frase correta: "A moça teve **arrepios** de frio ao entrar na água gelada da cachoeira."

Queimadura

"Maria não viu as crianças se queimar no ferro quente."

Criança requer atenção redobrada e constante!

Quando o infinitivo for pronominal ou exprimir reciprocidade é obrigatória a flexão verbal.

Período correto: "Maria não viu as crianças se **queimarem** no ferro quente."

Ausência sentida

"Flora não quis vim."

Nem poderia querer mesmo.

Vim – 1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo **vir**, jamais poderia estar correto porque Flora é 3ª pessoa. Pelo sentido da frase, o verbo é **vir**, no infinitivo pessoal. Frase correta: "Flora não quis **vir**."

Premiação indevida

"Rafael gostou muito da sala de troféis do clube."

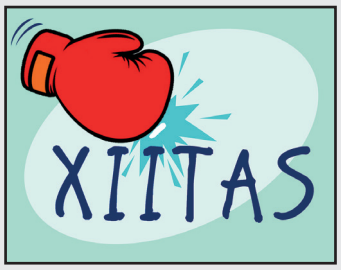
Será que valem alguma coisa? A palavra "troféis" não existe. O plural correto de **troféu** é **troféus**. Frase correta: "Rafael gostou muito da sala de **troféus** do clube."

Exagerada

"Alice disse que gosta de maçã, mamão, abacaxi, morango e etc."

Exagerando e misturando tudo vai acabar passando mal... **Etc** – é a abreviatura da expressão latina *et coetera*, que quer dizer **e outras coisas**, logo, esse **e** antes do **etc** é desnecessário. Frase correta: "Alice disse que gosta de maçã, mamão, abacaxi, morango **etc**."

Radicalismo



"As meninas daquela academia de luta são chamadas de xiítas pelas adversárias das outras academias."

Não deviam excluir ninguém assim! A palavra **xiita** não leva acento porque tem um hiato formado por duas vogais iguais (i – i) e por isso não é acentuada.

Frase correta: As meninas daquela academia de luta são chamadas de **xiitas** pelas adversárias das outras academias."

Sobre o que ficou

Por Gabriel Chalita*

Sou um decorador inquieto. Pronto. Encontrei um elogio frente a tantas ausências que moram em mim. Inquieto é palavra boa. A ruim é insatisfeito. Decoro a casa dos outros e a minha própria. Ou as minhas. Mudo com frequência, porque os lugares não me cabem. O vazio é grande demais para que eu me aceite e respire o bom da vida.

Minha mãe desistiu de viver. E eu estava em casa. Isso foi há algum tempo. Foi ontem. É hoje em mim.

Decoro lugares e não almas. Sou pouco prendado para falar de suicídios. Mas sei falar de espaços preenchidos ou vazios. Nas casas, há uma proporção para tudo, uso medidas que compõem cenários. Em mim, as medidas são outras. O que sei é que meu pai não se satisfazia, apenas, com minha mãe. Vivia da busca. Da necessidade da conquista. Da carência despedaçada em outras bocas.

Da boca de minha mãe, o que saía era o silêncio. E ela sofria. Não sei se foi isso. Escolher culpados é um desajeito dos apressados. O que se vê na superfície é nada diante da profundeza do que se esconde.

E ela se foi. E eu fiquei rabiscando uma planta em mim, um desenho que compreendesse o que havia e o que faltava.

De rasuras em rasuras, cheguei a nada. Se meu pai tinha outros intentos, por que ela não o deixou pra ficar comigo? Ou não era isso, ou era eu que não bastava? Dizem que nada se compara ao amor de mãe. Então, o erro estava em mim. Pouco profundo para preencher. Pouco necessário para satisfazer.

Meu pai prosseguiu a vida nas buscas insanas dos que não se completam. Vejo-o sem o ver. E, cada vez, menos. Há sempre uma desculpa para ambos. E, assim, vamos remarcando. As marcas estão em mim. Sobre ele, não sei. Ele tem, ainda, o colo de mãe. Minha avó pouco fala sobre o ontem. Finge esquecimentos, quando tento resgatar. E se põe a me oferecer doces que não me adoçam. A perguntar perguntas desatentas para matar os instantes. E logo me levanto. E parto sem luz.

Olho os espaços vazios que vou decorar e, em pouco tempo, minha mente resolve. E confesso que dei certo arrumando o onde outros moram. Em mim, moravam perguntas; hoje, mora silêncio.

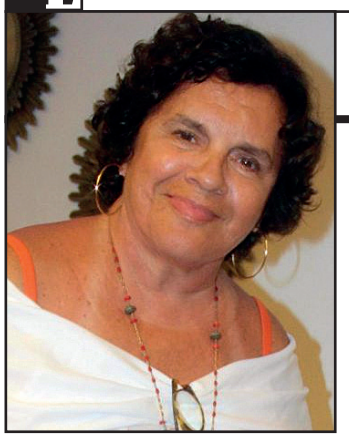
Ela poderia ter deixado uma carta, uns rabiscos de amor para mim, uma orientação para a orfandade. Deixou nada. Fiquei exposto ao frio dos dias, sem cobertas nem aconchegos. Meu pai me entregou à sua mãe, quando eu nada sabia da vida. Era pequeno. Ainda nada sei. Mas cresci forçado pelo tempo. As poucas fotografias foram retiradas dos antigos móveis para que eu pudesse olhar outros suspiros de vida. Aquela vida se foi. Tola ideia. Eu olho é pra dentro. E, dentro de mim, mora o velho. Os velhos dias em que eu ainda brincava. Sei que não sou o único. E, talvez, nem o mais covarde. Certamente, não sou, também, o mais corajoso. Sou um entre tantos que engatinham explicações.

Ontem, li uma carta que uma tal Cecília enviou a amigos, quando o marido desistiu e a deixou com três filhas, todas de nome Maria. Me fez bem. Ela prosseguiu poetizando e encontrou na palavra a essência da vida que prossegue. A mente precisa de outros respiros para expandir. O pensamento, também, requer distrações para aliviar as quenturas e voltar ao estado normal.

Decidi levar minha avó para ver alguns projetos meus e, depois, tomar sorvete de flocos, seu preferido. Decidi falar nada sobre a dor. Melhor deixá-la quietinha. Os cômodos recebem os móveis que escolhemos. Há alguns que me pedem para levar algum guardado da casa antiga. Eu permito e escolho um canto que não atrapalhe. Deixa lá. É lembrança do que foi ontem. O resto é novo, porque é assim a natureza dos dias. Sobre o que ficou, é melhor não brigar. Nem com os outros nem com os nossos sentimentos. Há espaços novos a serem preenchidos. Então, é bom decorar, na inquietude ou na calmaria, dependendo do clima do dia, dependendo da companhia. Então, é melhor dar as mãos para quem ficou sem julgar quem foi. Isso mesmo, vou tomar sorvete com a minha avó.

*Gabriel Chalita é escritor e membro da Academia Paulista de Letras.

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.



Gilda Mattoso

Lembranças de Vinicius

Arnaldo Niskier: Estamos recebendo hoje a visita, via internet, da jornalista Gilda Mattoso, que, entre outras qualidades, foi a última esposa do poeta Vinicius de Moraes. Que lembrança está no seu espírito em relação ao convívio com Vinicius de Moraes?

Gilda Mattoso: São muitas lembranças, porque Vinicius, como pessoa, correspondia ao poeta que era uma pessoa multifacetada, muito ligado à vida, muito afetivo, muito carinhoso. Tive muita pena dele morrer tão novo, porque ele tinha muito amor à vida. Mas Vinicius levou uma vida que não é para qualquer um. Muitos excessos, fumava, bebia, desregrado...

Arnaldo Niskier: O papa Francisco, outro dia, fez uma referência, numa encíclica, ao Vinicius de Moraes, Samba da Bênção.

Gilda Mattoso: Foi um alvoroço danado, todo mundo me ligando: "Você viu o que o papa falou do Vinicius?" Sou católica praticante. Fui correr para ver o que ele falou, imaginei que fosse um daqueles poemas iniciais que ele ainda era muito místico. Ele foi criado no Colégio Santo Inácio, foi coroinha, aquela coisa toda. Não. Foi o Samba da Bênção no qual ele fala muito de negros, das religiões afro-brasileiras e fala "A bênção, Senhora/ A maior ialorixá da Bahia/ Terra de Caymmi e João Gilberto". Isso é uma das falas do Samba da Bênção.

Arnaldo Niskier: Mas a citação do papa foi um outro trecho?

Gilda Mattoso: Foi "a vida é arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida". Mas ele citou: "Isso é do poeta brasileiro, compositor, Vinicius de Moraes no Samba da Bênção." A viúva do Baden me ligou, essa música era parceria do Baden com Vinicius. Fiquei muito comovida. Depois pensei: "Ele é argentino e Vinicius é praticamente um ídolo nacional na Argentina." Tem uma legião de fãs, tem um livro que chama *Nuestro Vinicius*, é o Vinicius do Rio da Prata, que tem depoimentos de amigos uruguaios, argentinos, enfim...

Arnaldo Niskier: Cheguei a conhecer Vinicius, não vou dizer bem, mas conhecia, porque ele ia na Manchete de vez em quando, nos idos de 1964, lembro bem. Ele chegou a colaborar na revista *Fatos & Fotos*, que era nossa também, eu era chefe de reportagem e ele ia lá entregar a crônica semanal. Evidente que se fez dali uma boa amizade também, a admiração natural, ele era um bom amigo, posso dizer. Ele foi cunhado do meu amigo Ronaldo Bôscoli: Lila Bôscoli, muito bonita. Você chegou a conhecê-la?

Gilda Mattoso: Conheci. Quando me casei com Vinicius, ela era casada com um sujeito muito boa praça, chamado Paulo Bertazzi, e nos frequentávamos, porque ela teve duas filhas com Vinicius. Uma das filhas faleceu, mas a outra está aí.

Arnaldo Niskier: Outro dia, vi um filme sobre Vinicius na televisão, muito bem-feito...

Gilda Mattoso: Do Miguel Faria?

Arnaldo Niskier: Exatamente. Aparecem a família e as filhas, uma vida muito rica.

Gilda Mattoso: A irmã mais velha, que era uma espécie de babá dele, cuidava de tudo, porque ele era uma desorganização com dinheiro, com pagamentos, com direito autoral, com tudo. Então, ela batia nas editoras, nas gravadoras de disco e ia atrás e distribuía as pensões, porque era filho para tudo que é lado com mulheres diferentes, ela administrava isso tudo. Quando ele morreu, ela falou: "Gilda, Vinicius não morreu, Vinicius gastou." Ele se dava, se jogava na vida.

Arnaldo Niskier: Cheguei a conversar com ele nos intervalos do Festival Internacional da Canção, no Maracanãzinho, em 1967, 1968. Eu era do júri e ele também. Uma pena, coisas assim não continuam. São os problemas da cultura em nosso país, mas o Vinicius deixou um nome extraordinário, temos que respeitar muito e lembrar sempre. Por que chamavam Vinicius de "poetinha"?

Gilda Mattoso: Porque ele tinha mania dos diminutivos, chamava todo mundo pelo diminutivo, meu parceirinho, Carlinhos Lyra, Badenzinho, Tomzinho.

Arnaldo Niskier: Você acompanhou a carreira do Vinicius antes mesmo de ser casada com ele? Como é que chegou ao seu espírito, ao seu coração o Chega de saudade?

Gilda Mattoso: Era fã desde a adolescência. É uma música icônica, é um marco na música brasileira, foi nela que, pela primeira vez, se escutou a batida do violão do João Gilberto. O Tom sempre dizia: "Vamos cantar aquele samba nosso, o Chega de saudade. Para o Tom, isso era um samba só que, com aquela levada de violão, virou uma coisa diferente a qual se chamou de bossa nova. É uma música marco.

Arnaldo Niskier: E Felicidade? Como é que você viu? É uma música tão inspirada.

Gilda Mattoso: Não acho, porque diz "tristeza não tem fim, felicidade sim". É um pouco melancólica, mas acho uma música deslumbrante que faz parte da história da música brasileira.

Arnaldo Niskier: Você chegou a ver no teatro o Orfeu da Conceição?

Gilda Mattoso: Não, eu tinha quatro anos quando encenaram o Orfeu da Conceição. Fui ver o filme Meia-noite em Paris, fui com minha filha. Quando saímos do cinema, ela disse assim: "Mãe, se viesse um carro te buscar para onde e quando você queria ir?" Falei que não queria ir para lugar nenhum, mas queria ter sido adulta no Rio de Janeiro nos anos 1950. Isso aqui era um espetáculo, uma cidade maravilhosa, efervescente culturalmente, com essas pessoas todas desabrochando, Tom, Vinicius, Baden, o cinema novo, o teatro, as casas noturnas, os restaurantes e todas as embaixadas aqui. Era uma cidade cosmopolita, esse é o lugar onde queria ter ido.

Arnaldo Niskier: Vinicius chegou a deixar alguma coisa inédita que você se lembre?

Gilda Mattoso: Ele tinha um livro pronto sobre o Rio de Janeiro que se chamaria Roteiro lírico e sentimental da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro onde nasceu, vive e morrerá de amor o poeta Vinicius de Moraes. O título era essa coisa enorme, depois acabaram editando postumamente e ficou *Roteiro Lírico e Sentimental da Cidade do Rio de Janeiro*. A Companhia das Letras editou, tem as coisas que acharam desse livro e de outros lugares também sem ser o Rio. Ele tem um artigo do Vinicius que foi publicado na revista *Senhor*, acho que em 1954, que se chama Por que amo Paris. Toda vez que estou para ir a Paris, releio isso, porque é uma espetacular crônica da cidade em que ele descreve a primeira chegada dele a Paris, em 1939, com a guerra estourando, ele estava estudando em Oxford. Cícero Dias, que era aquele pintor brasileiro que morava em Paris. Vinicius não tinha um centavo, foi o primeiro brasileiro a ganhar uma bolsa do Conselho Britânico. Foi para Oxford, estudou os sonetos de Shakespeare e estava em Londres. Ele descreve que dali é que começou a beber whisky. Em 1938, tinha 26 anos, disse que estava numa pensão furreca lá, em Londres, com a calefação micha e um frio desgraçado. Então começou a tomar whisky como calefação. Ele estava de folga da universidade e Cícero disse a ele: "Por que você não vem aqui conhecer Paris, ficar uns dias aqui, você só tem que pagar a passagem, aqui te patrocino." Vinicius pegou um barco (não sei o que pegavam naquela época) e foi para Paris. Eu sou apaixonada por Paris, já era antes de me casar com Vinicius, para mim é a cidade mais linda do mundo. Ele descrevendo a chegada dele em Paris é uma coisa que você chora de tão bonito. Ele fala das cores cinzas dos prédios e aquilo tudo cinza embora fosse inverno. O impacto que aquilo causou nele ficou para sempre. Ele era apaixonadíssimo por Paris.

Arnaldo Niskier: Você chegou a estar com ele em Paris?

Gilda Mattoso: Nosso casamento começou em Paris, eu era estudante, morava lá e trabalhava em produção de shows. Já nos conhecíamos de Londres, onde morei antes, e moramos um tempo juntos antes de vir para o Brasil definitivamente. Ele morou no meu apartamento de estudante que dividia com uma amiga de infância, que estava estudando lá também, ele dormia em colchonete, adorava. Minhas amigas iam todas para lá de noite e faziam massagem no pé dele, a outra fazia cafuné, ele ficava. E o Baden morava em Paris nessa época. Toda noite o Baden e a Sílvia iam para lá de violão em punho e ficávamos naquela cantoria, foi um período muito bom.

Arnaldo Niskier: Hoje você está trabalhando como jornalista?

Gilda Mattoso: Trabalho há muitos anos (40 anos, é o tempo que tem Vinicius de morto) como assessora de imprensa. Depois que ele morreu, fui trabalhar na gravadora Ariola, da qual ele era contratado e fui ser assessora de imprensa na indústria fonográfica. Trabalhei lá dois anos, depois fui para a PolyGram, que era outra casa discográfica. Trabalhei de 1980 a 1989 na indústria fonográfica e, quando saí, em 1989, botei um escritório de relações públicas e assessoria de imprensa, milito justamente na área de cultura em geral com especialidade em música.

Arnaldo Niskier: Das músicas todas do Vinicius, qual foi aquela que repercutiu mais?

Gilda Mattoso: A segunda música mais executada no mundo é Garota de Ipanema. Ela recolhe direito autoral, só perde para Lennon e McCartney, perde só para os Beatles. O Tom gostava de brincar com isso. Dizia: "É, poeta, mas somos dois e os Beatles são quatro."

Arnaldo Niskier: Quem é que fez a versão em inglês da Garota de Ipanema?

Gilda Mattoso: Foi o Norman Gimbel. Eles nem gostavam muito da versão em inglês. O cara queria até mudar o nome Ipanema, porque disse: "Ipanema, na América, não significa nada." Mas eles diziam que aqui é um nome indígena e vai ficar Ipanema.

Arnaldo Niskier: E Chega de saudade? De onde nasceu essa inspiração?

Gilda Mattoso: Não sei se foi feita para o Orfeu, foi na época do Orfeu. Sei que a primeira parceria de Tom e Vinicius é Se todos fossem iguais a você, que acho também deslumbrante.

Arnaldo Niskier: É tão bonito. Agora, de onde nasceu? Talvez tenha sido por causa do Baden Powell, mas o Vinicius foi autor de alguma coisa inédita na cultura brasileira que é o afro-samba. Como é que você viu isso?

Gilda Mattoso: Isso foi um enriquecimento enorme para a música brasileira, para o próprio Vinicius, porque o Baden trouxe para ele. Tom era, como Vinicius, um rapaz de classe média da Zona Sul carioca e o Carlinhos Lyra também. O Baden era uma pessoa que vinha do subúrbio e, aliás, é do interior do Estado do Rio, de uma cidade que tem o nome engraçadíssimo de Varre-Sai. O pai dele era um fã do escotismo, por isso botou esse nome nele, Baden Powell de Aquino. O Baden tinha muita ligação com terreiros, com a música de candomblé, com os atabaques. Então, ele trouxe isso para a parceria dos dois e o Vinicius, como era uma pessoa muito aberta e muito interessado em tudo que fosse bonito, ficou encantado com aquilo, o berimbau, a música da Bahia. Eles criaram os afro-sambas, Canto de Xangô, Canto de Oxalá, Canto de Ossanha.

Arnaldo Niskier: Isso é tão universal que o papa agora acaba de se apropriar, vamos dizer assim, de maneira saudável, de um verso do Vinicius para citá-lo numa encíclica. Isso é uma coisa extraordinária.

Gilda Mattoso: Acho que isso é fato inédito, deve ser o primeiro brasileiro citado numa encíclica.

Arnaldo Niskier: Citamos vários autores que fizeram dupla com ele, mas não citamos o Toquinho. O Toquinho era paulista. Como é que se explica um paulista entrar na vida de um carioca?

Gilda Mattoso: O Vinicius era muito ligado ao Chico Buarque e ao pai do Chico, Sérgio Buarque, era amicíssimo. O Chico até diz que ele começou a se interessar por música quando era criança. O Sérgio morou em Roma (acho que dava aula na Universidade de Roma) e eles moraram em Roma, o Chico era pequeno e Vinicius aparecia de vez em quando para visitar. Ele disse: "Quando ouvíamos 'hoje vem o Vinicius', era um alvoroço, ninguém queria ir dormir cedo, todo mundo queria ficar para ouvir ele tocar violão e cantar." Sérgio adorava que ele cantasse. O Toquinho era amigo do Chico lá de São Paulo, o Chico é carioca, mas cresceu em São Paulo. Vinicius ia fazer uma turnê (acho que em Punta del Este, Buenos Aires, Mar del Plata...) com Dori Caymmi no violão, mas o Dori teve um imprevisto e não pôde ir e o Chico falou: "Ah, Vinicius, chama o Toquinho, ele toca muito violão." Aí chamou, Toquinho era um garoto. Toquinho veio, Vinicius gostou do violão dele e assim ele foi. Nessa turnê, já começaram a compor juntos, dali começou a parceria, muito bem-sucedida.

Livros e Autores

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Jovens em Tempos Digitais

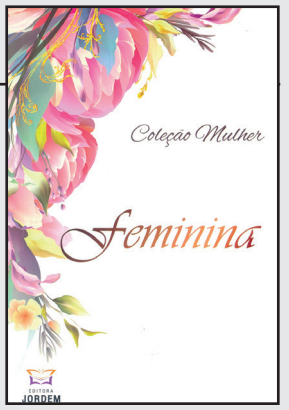
O livro *Jovens em Tempos Digitais* (2020), de Sandra Niskier Flanzer, dá lugar a um questionamento importante para o nosso tempo. Ao longo de 144 páginas, com um texto firme e teoricamente muito bem fundamentado, a autora levanta as principais observações que vem extraindo dos trabalhos realizados com jovens e suas equipes, em todo o Brasil.

O livro faz parte de um conjunto de obras publicadas pela Edições Consultor, em parceria com a UNICIEE/SP, oferecendo um espaço de reflexão imprescindível, tocando em questões éticas raras e profundamente necessárias nas quais o trabalho do CIEE está pautado. No prefácio, o chanceler da Universidade Corporativa CIEE-SP, Humberto Casagrande, ressalta a importância de se acompanhar atentamente as mudanças provocadas pelos novos tempos: "Temos assistido às mudanças substanciais no comportamento dos jovens, como consequência, entre outros fatores, do uso excessivo das ferramentas tecnológicas. O uso sem limites das ferramentas virtuais tem provocado uma inversão de valores. Aos poucos, o que despontou como chance de inclusão tem enveredado para um mecanismo ainda mais potente de exclusão – o isolamento do próprio sujeito, ou de sua relação com a cultura onde vive, de seus laços sociais."

As questões levantadas ao longo dos 19 capítulos dessa bela obra trazem à tona um debate fundamental para a nossa cultura, irreversivelmente marcada por esses novos tempos digitais.

A escritora Sandra Niskier Flanzer é psicanalista desde 1991. Mestre, doutora e pós-doutora em Teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é especialista em Psicanálise pelo Centro de ensino, Pesquisa e Clínica em Psicanálise (CEPCOP). Membro do Tempo Freudiano Associação Psicanalítica (fundado em 1991), supervisiona equipes de educadores em escolas da rede pública e particular. É autora de 5 livros de literatura: *A Pa-lavra* (Contra Capa, 2010); *Por Um, Segundo* (Contra Capa, 2012); *Re/talhos* (7 Letras, 2015); *Do Quarto* (7 Letras, 2017) e *O Quinto(dos Infernos* (7 Letras, 2015).

Coleção Mulher Feminina



A antologia *Feminina*, da Coleção Mulher (Ed. Jordem, 2020), reúne textos de 22 autores expoentes da literatura capixaba, em torno de um tema comum. De acordo com a organizadora Neusa Jordem, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, escrever é protestar contra uma falta que temos dentro de nós: "Buscamos na ficção o que não temos. Com os textos desta Coleção Mulher, podemos dizer que a vida, como está, não é o bastante e que deveria ser melhor. Escrevemos para viver, de alguma maneira, as muitas vidas que gostaríamos de ter, quando dispomos de uma só. A literatura é uma representação da vida e nos ajuda a entendê-la melhor. Seguindo assim, sonhando e escrevendo, buscamos descobrir o porquê da condição humana."

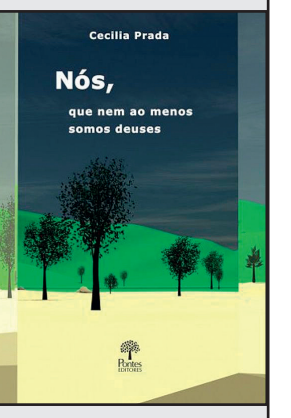
Com esse espírito do ofício da escrita, de "tornar-se um estrangeiro em relação a si mesmo, conforme afirmava Deleuze, encontramos versos como "Painel da angústia", da presidente da Academia Espírito-santense de Letras, Ester Vieira de Oliveira: "Os dedos querem...?/A mente determina...?/A arte embeleza a parede.//E na vida?/Quantos excluídos do saber há no livro." Ou reflexões como o belo texto *Casamento Cortês*, de Jô Drumond, ou poesias de Brendda Neves ("Mulher, feminina e mãe II": "Sou Mãe da Palavra!/Não gero em meu ventre/Não tenho neste mundo um rebento,/Eu gero na imaginação!"), Maria José Menezes ("Amor eterno": "Nossos corpos se uniram/Num contato sensual./Nossos corpos se amaram,/Numa entrega total.") e até participação masculina, como as dos escritores Albércio Nunes ("Mulher perfeita": "Lembre que Deus te fez com perfeição!/Teus olhos Ele fez com muita luz./ Incríveis, cor de mel, uma paixão,/ Teus lábios, puro encanto que seduz.") Orly Klippel ("Eterna dúvida": "Crises do ser/Modos de viver/Voa liberdade!"), Roberto Vasco ("Dia de luta": "Mulher,/em teu seio há o signo do amor.") e Romero Siqueira ("Viagem da vida": "Mulher, na viagem da tua vida,/Nunca percas a esperança e fé."), para citar apenas alguns.

20 Contos sobre a Pandemia de 2020

20 Contos sobre a Pandemia 2020 (Ed. Autêntica, 2020) reúne textos de 20 autores mineiros, reunidos pela sensibilidade do presidente da Academia Mineira de Letras, Rogério Faria Tavares, numa sensível contribuição cultural da instituição para enfrentar o momento de incerteza trazido pela pandemia do novo coronavírus, persistente em sua agenda destrutiva.

A seleção dos nomes consagrou o princípio da diversidade, em toda a sua extensão heterogênea. Abrigando representantes de trajetórias e estilos bem distintos, o time reúne Afonso Henriques Neto, Ana Cecília Carvalho, Ana Elisa Ribeiro, Carla Madeira, Carlos de Brito e Mello, Carlos Herculano Lopes, Cidinha da Silva, Cris Guerra, Cristina Agostinho, Eliana Cardoso, Francisco de Moraes Mendes, Frei Betto, Ivan Angelo, Jacques Fux, Jacyntho Lins Brandão, Laura Cohen Rabelo, Luís Giffoni, Olavo Romano, Paula Pimenta e Stella Maris Rezende. A intenção foi montar um rico painel a respeito da pandemia, como explica Rogério Faria Tavares, na introdução: "Consciente da força da produção literária como estratégia de abordagem do Real e do Imaginário, como testemunha da História e espaço da Memória, animei-me de convidar um grupo de vinte contistas mineiros para que fabulassem 'a quente' sobre a peste, na temperatura do momento, sem direito à visão serenada que talvez o futuro feneça." Na orelha da obra, José Eduardo Gonçalves recomenda a leitura: "Na noite escura em que nos metemos, cada livro vem ao mundo como um fiapo de luz. Parece pouco, mas basta para iluminar o próximo passo."

Nós, que Nem ao Menos Somos deuses

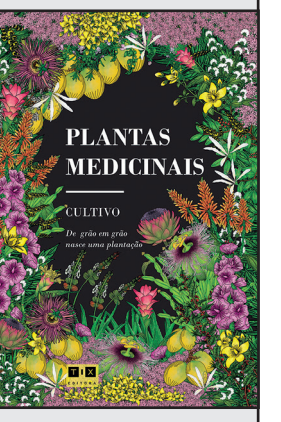


A obra *Nós, que Nem ao Menos Somos Deuses* (Editora Pontes, 2020) reúne 35 contos de Cecília Prada, ao longo de 370 páginas.

No prefácio, Ana Maria Melo Negrão destaca a intensidade narrativa da autora, aos 92 anos de vida, que se mantém ativa do alto de uma trajetória onde se enumeram 18 livros publicados: "Uma prosa intimista, estética e escritos peculiares, introspecção, sentimentos e emoções de personagens criados, ficcional ou tenuamente, advindos de sua trajetória de vida."

A excelência dos escritos de Cecília Prada levou a Academia Campinense de Letras, junto com a Academia Campineira de Letras e Artes e o IHGGC – Instituto Histórico e Geográfico de Campinas, a sugerir o nome dela à Academia Sueca como candidata ao Prêmio Nobel de Literatura, que acabou sendo atribuído à norte-americana Louise Glück. Cecilia Prada, escritora, jornalista, tradutora, crítica literária, dramaturga e diplomata foi a primeira mulher a conquistar o Prêmio Esso de Jornalismo (1980). Ao longo da carreira, foi também agraciada com prêmios literários de relevância. Tradutora de mais de 40 livros em inglês, francês, italiano e espanhol nas áreas de literatura, artes, ciências humanas, participou do movimento de vanguarda teatral de Nova York, no grupo *The Open Theater*. Escreveu sete peças em português e em inglês. A linguagem coloquial e a fluência narrativa de pensamento, numa linguagem de agradável e sofisticada leitura, a situam como uma feminista firme, porém sem a arrogância das posições extremadas, que mais prejudicam que contribuem para eliminar preconceitos.

Plantas Medicinais



Plantas Medicinais – cultivo: de grão em grão nasce uma plantação (Editora Tix, 2020) foi escrito de forma objetiva e didática, para quem quer dedicar-se ao cultivo de plantas medicinais.

A obra coroa os 30 anos de dedicação de Yara Oliveira de Britto ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde atuou de 1988 a 2019; ela integra hoje câmara técnica em fitoterápicos. Junto à engenheira agrônoma Midori Katsumoto e ao biólogo Sérgio Eduardo Pereira, o livro elenca, com objetividade, cada uma das etapas necessárias para quem quer dedicar-se ao cultivo desses insumos, tendo êxito tanto para o consumo próprio, quanto para o cultivo numa escala maior.

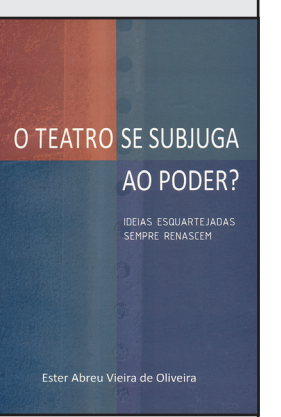
O livro é dividido em sete capítulos, as 192 páginas são ricamente ilustradas por uma equipe coordenada por Ana Borelli. Os cinco primeiros capítulos abarcam as etapas necessárias ao ciclo do cultivo das plantas medicinais. A partir do capítulo seis, o leitor encontra um inventário de 20 espécimes medicinais. A obra abre espaço também para o leitor fazer suas observações, fazendo dela uma espécie de coautor. No sétimo e último capítulo, estão modelos de listas, ficheiros e tabelas às quais é recomendado seguir.

Yara Oliveira de Britto possui Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA, 1975). Especializações em Botânica, área de concentração Fisiologia Vegetal (UFBA, 1979). Professora de Fitotecnia da Faculdade de Agronomia (UFBA, 1980 – 1985), entre outras atividades.

Midori Katsumoto é Engenheira Agrônoma, UFV (1999), com participação, entre outras, no grupo de estudo no setor coleção de plantas medicinais do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro – JBRJ (2016-2018).

Sérgio Eduardo Pereira é Bacharel em Ciências Biológicas na modalidade Ecologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – 1980). Possui, entre outras, especialização em Análise e Avaliação Ambiental pela PUC-RIO (1992).

O Teatro se Subjuga ao Poder?



A obra *O Teatro se Subjuga ao Poder? – ideias esquartejadas sempre renascem* (Ed. Gráfica São Francisco, 2011) é o resultado da pesquisa "A Imprensa e o teatro em Vitória e no eixo Rio de Janeiro-São Paulo: da ditadura à democracia", inserida em duas linhas de análise. A primeira, a mundialização do século XXI, buscando cânones jurídicos, culturais, lingüísticos, psíquicos e sociais em suas relações com o outro.

A segunda linha de pesquisa é a "Poética da Modernidade e da Pós-modernidade", que procura estudar em textos narrativos, líricos e teatrais, considerando os novos procedimentos discursivos de construção de sujeitos, os processos de autorreferencialidade da linguagem literária e de hibridismo.

O teatro, desde a sua criação na Grécia antiga, vem manifestando a voz popular e, por essa razão, não deixou de apresentar arbitrariedades dos militares em parte da produção teatral da década de 1970. Assim, apesar de todas as dificuldades impostas pela repressão, como cortes dos censores em obras ou proibições de representações do Departamento de Ordem Política (Dops), os artistas procuraram mostrar as suas insatisfações contra o governo militar.

Ester Abreu Vieira de Oliveira percorreu todas as escalas do magistério. Foi professora primária, secundária e de cursos superiores. Professora Emérita da UFES, é Doutora em Letras Neolatinas (UFRJ), Pós-doutora em Filologia Espanhola (UNED-Madri), mestre em Letras-Português (PUC-Paraná). Com mais de 50 livros publicados, recebeu diversos prêmios acadêmicos. Além de ser a atual presidente da Academia Espírito-santense de Letras, é membro, entre outras instituições, da Academia Feminina Espírito-santense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do ES.

Clarice Lispector e suas revelações epifânicas

Por Raquel Naveira

Como é bom quando se é jovem e se encontra uma arte à qual nos dedicamos por uma vida inteira! Aos vinte anos, já professora, estudiosa de literatura, descobri Clarice Lispector. Comecei então uma viagem intensa por seus livros, seu fazer literário intimista, sua trajetória projetada na pele de suas personagens, sua visão do ser feminino, sua busca de solução para o mistério da existência humana, numa complexa relação com o mundo e com a linguagem.

O primeiro tesouro, primeiro contato com seu texto, foi *Laços de Família*, o livro de contos em que várias de suas marcas estão presentes: a exacerbação do universo interior; o fluxo da consciência através do discurso indireto livre, sob o ponto de vista de um narrador; o subjetivismo cheio de sensações; a falta de uma trama linear, pois o que importa não é a história a ser contada, mas a palavra que cria o acontecimento. Os dramas são psicológicos e metafísicos. As personagens, geralmente mulheres, estão dentro de sua rotina burguesa, quando são sacudidas por crises existenciais, choques que desequilibram o cotidiano, a estabilidade, a falsa segurança. No reino miúdo, superficial, quase fútil, explode de repente uma bomba, um mecanismo de fortes revelações. São verdadeiras epifanias: a existência transcorre dentro da normalidade até que o ritmo é quebrado e a personagem fica face a face com sua essência. Daí é um passo para atingir a transcendência, o êxtase, mesmo que seja por um instante.

Um dos contos que comprova esse processo é "Amor": a inquietação de Ana no bonde lembrando de seus filhos "que eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta" e de seu marido que "chegava com os jornais e sorrindo de fome", "a raiz firme das coisas". Mas havia uma hora perigosa: a tarde, quando a casa ficava vazia. Ana desce no Jardim Botânico, depois de ter observado um cego mascando goma no bonde. A cena encheu-a de uma estranha compaixão. Diante das árvores, das dálias e tulipas, ela percebe o quanto o mundo era rico, exuberante. O quanto a vida era periclitante, horrível e frágil. Pensou que havia lugares longínquos, pobres ou suntuosos, que precisavam dela e ela precisava deles. Teve medo de sua vontade de partir em missão, de ter outro estilo de vida, com piedade de leão. Na volta, sua casa lhe pareceu triste. Ela atravessara o amor e seu inferno. E o fecho: "Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia." A cada conto uma surpresa, uma abstração, um arfar de emoção.

Passei a pesquisar sua biografia. Clarice nasceu em Tchetchelnik, Ucrânia (Rússia), a 10 de dezembro de 1920. Seus pais judeus imigraram para o Brasil quando ela contava dois meses de idade. No Recife, cursa o primário e o secundário. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, ingressa na Faculdade de Direito. Forma-se em 1944, ano em que publica seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem*, fartamente aplaudido pela crítica. Casando-se nessa mesma época com um diplomata, Mauri Gurgel Valente, afasta-se do país, durante longo período (entre 1945 e 1959), mas não deixa de cultivar a Literatura, numa ascensão crescente de livro para livro. O casal teve dois filhos: Pedro e Paulo. Faleceu no Rio de Janeiro, a 9 de dezembro de 1977, aos 57 anos, deixando os seguintes romances: *O Lustre*, *A Cidade Sitiada*, *A Maçã no Escuro*, *A Paixão Segundo G.H.*, *Uma Aprendizagem* ou *O Livro dos Prazeres*, *Água Viva*, *A Hora da Estrela*; livros de contos: *Alguns Contos* e o citado *Laços de Família*, *A Legião Estrangeira*, *A Via Crucis do Corpo*; crônicas para o *Jornal do Brasil* e literatura infantil. Examino suas fotos: uma mulher bonita, sempre elegante, os olhos oblíquos contornados de preto. Há nela um exotismo e uma expressão enigmática.

Em 1967, um acidente transformou a personalidade da escritora: ela teve as mãos e as pernas queimadas num incêndio, provocado pelo cigarro aceso, enquanto dormia. Dizem que escrevia fumando, com uma rosa vermelha ao lado do caderno e da máquina de escrever. A mão direita ficou deformada e com cicatrizes, tolhendo seus gestos e sua assinatura. Deprimida, recusava convites e homenagens, iniciando um processo de recolhimento doméstico, só abrandado pelas visitas de amigos e pela popularidade que crescia. Nessa mesma década, foi acusada de "alienada", pois se recusava ao engajamento político.

Separada do marido, Clarice conhece Olga Borelli, amiga e secretária nos seus últimos anos de vida, quando já lutava contra um câncer. Vão juntas em 1976 a um estranho Congresso de Bruxaria na Colômbia, para o qual Clarice levou um de seus contos: O Ovo e a Galinha. Isso criou um clima e questionamentos: seria ela uma bruxa? Uma maga? Uma escritora ligada ao ocultismo? Ou uma simples curiosa pelo lado sombrio da busca espiritual?

Olga datilografava os originais, organizava trechos, que Clarice colocava em envelopes, recebia as pessoas e esteve com ela no hospital até o suspiro derradeiro. Clarice, agonizante, declarou: "Dentro do mais interior de minha casa morro eu neste fim de ano exausta."

E não é que lá pelo ano 2000, quando eu cursava o mestrado em São Paulo, fui parar na casa do Olga Borelli? Ela havia criado o Espaço CENA, Centro de Encontro das Artes, que ficava na rua Ibiaté, no bairro do Itaim Bibi. No quintal, foi armado uma espécie de tenda, auditório com cadeiras, um palco, material de som. Olga nos recebeu numa noite fria, a mim e a outros poetas como Celso de Alencar, com um sorriso afável, apresentando-nos aquela conquista: um lugar para a cena artística, para música, teatro, dança, diálogos. Na oportunidade, eu disse que era do Mato Grosso do Sul e li os poemas de meu livro *Guerra entre Irmãos: poemas inspirados na Guerra do Paraguai*, um dos principais fatos históricos de minha região.

Olhando os cabelos grisalhos de Olga, imaginei seu sofrimento acompanhando o duro isolamento de Clarice. Em janeiro de 1977, surpreendentemente, a escritora compareceu à TV Cultura, em São Paulo, para participar de uma entrevista. Nesse dia, concedeu depoimento ao jornalista Júlio Lerner, que depois foi reproduzido na revista *Shalom* (1992). Nessa entrevista, com voz rouca e abafada, falou sobre seu romance *A Hora da Estrela*: "Morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro, tem uma feira dos nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. Daí começou a nascer a ideia. Depois fui a uma cartomante e imaginei... que seria muito engraçado se um táxi me pegasse, me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Então daí foi nascendo também a trama da história."

Segundo nos explica a professora Márcia Lígia Guidin, no seu Roteiro de Leitura da obra, o autor-narrador da novela *A Hora da Estrela* se chama Rodrigo S.M. e inicia a obra com um apelo ao leitor: pede a ele que desculpe uma história tão simples. Justifica a pobreza narrativa por causa das próprias dúvidas em relação à vida e à literatura. Seus comentários sobre o estilo, sobre a personagem e sobre si mesmo percorrem toda a obra e se revelam por entre a história de Macabéa, moça humilde e ignorante, "uma incompetente para a vida". Conhece Olímpico de Jesus, um metalúrgico paraibano. Os namorados encontravam-se em bancos de praça. Macabéa estava apaixonada. Olímpico conhece Glória, colega de escritório de Macabéa. Branca, quadris largos, cabelos pintados de louro. Olímpico rompe o namoro e passa a sair com Glória. Macabéa volta à solidão e ao alheamento. Macabéa vai ao médico, que a avisa que ela está com tuberculose. Glória sugere a Macabéa que procure uma cartomante, Madame Carlota, prostituta e cafetina. Madame recebe Macabéa com carinho. Carlota vê nas cartas um passado triste, um presente horrível e um futuro com grandes predições: um marido rico e estrangeiro. Macabéa sai aturdida e espantada. Enlouquecida de esperança. Ao atravessar a rua, entretanto, um automóvel Mercedes-Benz a atropela. Batera com a cabeça na calçada e sangrava. Começava a garoar e algumas pessoas espiavam a moça agonizante. Em seu delírio, vendo o carro de luxo, pensa que as profecias estão sendo cumpridas. Encolhe-se como um feto. Sua agonia se mistura a certa sensualidade feminina. Morte e erotismo se encontram. Macabéa morre esmagada pelo mundo urbano que não conquistou.

Olímpico, Glória e Carlota revelam um traço comum: são todos personagens que, por contraste à incapacidade verbal da moça, possuem uma superioridade discursiva que viabiliza sua integração na cultura urbana. Entre outras coisas, para sobreviver é preciso falar, pensar, discursar, prometer. Macabéa, silenciosa ou boquiaberta, fica subjugada a todos eles.

Para as personagens antecessoras de Macabéa, a aquisição intelectual, bem como a constituição de família, não são pontos de contato satisfatórios com o mundo. A cultura urbana, com seus reflexos, é um fardo que afasta a mulher de uma vida primitiva e simples e a arrasta a uma introspecção problemática e agônica. Diante da vida familiar e social, diante de si mesma, a mulher sofre um processo de perda de identidade. Em todos os casos, as personagens, casadas, solteiras, mães, avós, pintoras, professoras, são figuras expostas ao fracasso e à frustração. *A Hora da Estrela* transformou-se num filme fascinante de 1985, que ganhou vários prêmios, dentre eles o Urso de Prata do Festival de Berlim, com roteiro e direção de Suzana Amaral e com a atriz Marcélia Cartaxo no papel de Macabéa.

Depois de ler o livro e assistir ao filme, escrevi este poema, "Esperança":

Estou grávida de futuro,/ Como alguém que vai à cartomante/ E ouve tudo que deseja.

A esperança tomou conta de mim/ Em ondas verdes, Diante de mar tão amplo,/ Desmaio de sede.

Esperança violenta,/ Se eu fosse virgem,/ De repente teria me tornado mulher,/ Noiva que cai nos braços da morte.

Esperança de transpor a porta do céu,/ Tão estreita,/ Tão fechada/ Por gonzos de prata.

Esperança de ser quem sou:/ Semente de mostarda/ Que virou árvore,/ Embora tarde.

Sobre o abismo/ Essa ponte,/ Esse pilar,/ Esse poder,/ Caminho/ E espero.

Neste ano que marca o centenário de nascimento de Clarice Lispector, reflito sobre o quanto ela representou para mim: descobri-la lá atrás, na minha juventude, alimentou o meu sonho de ser uma escritora inspirada e inspiradora. Colocou-me numa corrente cujos elos se multiplicam por gerações de leitores fascinados por seus textos.

Referências bibliográficas

LISPECTOR, Clarice. Laços de Família. Coleção Literatura Brasileira Contemporânea, vol. 21. Livraria José Olympio Editora; Editora Civilização Brasileira e Editora Três, 1974.

_____ A Hora da Estrela. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

GOTLIB, Nádia B. Clarice-uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

GUIDIN, Márcia Lígia. Roteiro de Leitura: A Hora da Estrela de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1996.

Três dedos de prosa

Por Danilo Gomes*

Nostalgia

Nostalgia é um sentimento que acomete grande parte da humanidade. A palavra está nos dicionários, todo mundo conhece, mesmo aqueles que se mantêm ilesos à conhecida patologia. Mas aonde quero chegar? Quero chegar, senhores, à história da palavra. A ensinança vem do erudito escritor argentino-canadense Alberto Manguel.

Está na pág. 129 do livro *Os Livros e os Dias*, do supramencionado autor de muitas obras e antigo amigo e leitor do cego poeta Jorge Luis Borges. Esse livro (cujo título nos remete a *Os Trabalhos e os Dias*, do poeta grego Hesíodo) foi traduzido no Brasil por José Geraldo Couto para a Companhia das Letras, SP, 2005. Eis o trecho:

"A palavra 'nostalgia' foi inventada em 22 de junho de 1688 por Johannes Hofer, um estudante de medicina alsaciano, mediante a combinação da palavra nostros ('retorno') com a palavra algos ('dor) em sua tese de medicina, Dissertatio medica de nostalgia, para descrever a enfermidade dos soldados suíços mantidos longe de suas montanhas." A palavra pegou e correu mundo. A nostalgia da infância é talvez a mais conhecida modalidade desse agudo sentimento. Livros de memórias estão aí, a mancheias… Muita gente tem saudade dos seus casimirianos oito anos de idade, "da aurora da minha vida,/ da minha infância querida/ que os anos não trazem mais!" Grande e sofrido poeta fluminense Casimiro de Abreu, que morreu na flor da mocidade!

Repletos de nostalgia e de sua sucedânea, a melancolia, são os livros de memórias do poeta carioca Augusto Frederico Schmidt (1906-1965), *As Florestas*, *O Galo Branco* e *Paisagens e Seres*, todos excelentíssimos.

Nobel para uma autodidata

No livro *Inverno de Biquíni* (Rio, Record, 1964) do hoje esquecido Henrique Pongetti , encontramos a crônica intitulada De um caderno de viagem, que começa assim:

"Sardenha bíblica das virgens intocáveis e dos nuraghi. Sigo na auto-pullman de Cagliari a Nuoro, numa das manhãs de fogo da ilha. Em certas aldeias primitivas do caminho, vejo os personagens de Grazia Deledda nas suas roupas típicas. São tão estranhos ao barulho de um motor, tão fora do meu tempo, que penso em miragens de viajante enfeitiçado pela literatura regionalista."

Mas adiante, na pág. 122:

"Grazia Deledda, Prêmio Nobel de Literatura, tem em Nuoro uma casa e uma rua com seu nome. A casa foi adquirida pelo seu amigo Elias Sanna, que nela vive e a transformou num museu de recordações da escritora."

A mais interessante informação vem em seguida, o grande cronista ainda se referindo a Elias Sanna:

"Insiste no fato de a Deledda haver conquistado o Prêmio Nobel sem haver passado da quarta classe primária repetida espontaneamente, várias vezes, pela falta de um curso mais adiantado e pelo prazer de continuar aluna. Mostra a página do livro onde a escritora conta humildemente a breve história dos seus poucos estudos. Repisa a palavra autodidata como se o dinheiro do Prêmio Nobel devesse ser duplicado pelo fato de o premiado o haver obtido sem um título de doutor."

E Henrique Pongetti, exímio narrador, conclui sua página sobre a ilha da Sardenha e a laureada escritora italiana, hoje esquecida:

"Nas portas das casas e de um beco vejo, cochilando, alguns velhos com seus bonés semelhantes aos das figuras de bronze pré-históricas descobertas nas ruínas nurágicas; com seus saiotes de inspiração grega; com sua solidão de fantasmas. O ronco dos motores não chega aos seus ouvidos. São os personagens de Grazia Deledda: desaparecerão com o último exemplar de seus livros; fazem o sacrifício de sobreviver por causa de seus livros."

O Google nos informa que Grazia Deledda nasceu em Nuoro, na Sardenha, em 1871, e morreu em Roma, em 1936. O Prêmio Nobel de Literatura lhe caiu nas mãos (e na bolsa) em 1926. Seus livros descrevem os costumes sardos.

Alguns títulos de seus livros: *La via del male*, *Annalena Bilsini*, *Colombi e Sparvieri*, *Marianna Sirca*, *L'edera*, *Canne al vento*. O livro que definiu o Nobel para ela foi justamente esse *Canne al vento*, traduzido em português por *Caniços ao vento*.

Grazia Maria Cosima Damiana Deledda passou a infância e toda a vida entre os livros, mas teve apenas formação primária. Não cursou ginásio (liceu) ou universidade. Casou-se com Palmiro Madesani e o casal teve um filho e uma filha.

Autodidatas, como a premiada escritora italiana, foram não poucos escritores de grande talento. Entre nós, o carioca Machado de Assis e o mineiro Eduardo Frieiro (1889-1982), com quem convivi em Belo Horizonte, na década de 1960, e que é personagem do recente livro de Pedro Rogério Couto Moreira, *Sob o Céu de Belo Horizonte – diário de um leitor voyeur*. Eduardo Frieiro, que mal fez o curso primário, foi professor catedrático de Literatura Espanhola e Hispano-Americana na UFMG e autor de vários livros, dentre eles *Feijão*, *Angu e Couve*; *Os Livros*, *Nossos Amigos*; *O Elmo de Mambrino*; *O Cabo das Tormentas* e *O Diabo na Livraria do Cônego*. Leitor infatigável, tornou-se um erudito, um *scholar*. O memorialista Pedro Rogério Moreira registra que Frieiro começou ainda jovem a trabalhar na Imprensa Oficial do Estado como tipógrafo e "foi revisor, redator e secretário de diretoria". Escolhi Eduardo Frieiro, em 1987, para meu patrono na Academia de Letras do Brasil, hoje presidida pelo escritor e professor Flávio R. Kothe, da UnB.

O esquecido Henrique Pongetti

Jornalista, colaborador de jornais e revistas, romancista, dramaturgo e, principalmente, cronista – um dos melhores do Brasil – , Henrique Pongetti nasceu em Juiz de Fora, MG, em 1898, passou a infância e a adolescência em Petrópolis, morou e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1979. Com humor, ele reclamava que, em Juiz de Fora, era considerado petropolitano e, em Petrópolis, era tido como mineiro. Acabou adotando o Rio de Janeiro como a sua amada cidade.

Destaco apenas seus livros de crônicas: *Inverno em Biquíni*, *O Carregador de Lembranças*, *Encontro no Aeroporto* e *Alta Infidelidade*.

Nosso cronista conheceu profundamente a vida boêmia do Rio de Janeiro, as chamadas altas rodas, os "reis da noite" Carlos Machado e o Barão Von Stuckart (seus amigos), o refinado Top Club e o requintado Sacha's, onde se pavoneava o chamado "café-soçaite", cujas ridicularias ele ironizou com muita elegância e sarcasmo. Era um *gentleman* e um *globe-trotter*. Era um homem elegante, um chamado "boa pinta"; parecia um astro do cinema italiano.

Para concluir este terceiro dedo de prosa, deixo registrado que Henrique Pongetti participa da antologia de crônicas *Vozes da Cidade*, publicada no Rio pela Record em 1965. Ali ele está ao lado de cronistas da grandeza de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Genolino Amado, Maluh de Ouro Preto, Manuel Bandeira e Rachel de Queiroz. Essas crônicas antológicas foram lidas com muito sucesso na Rádio Roquette Pinto.

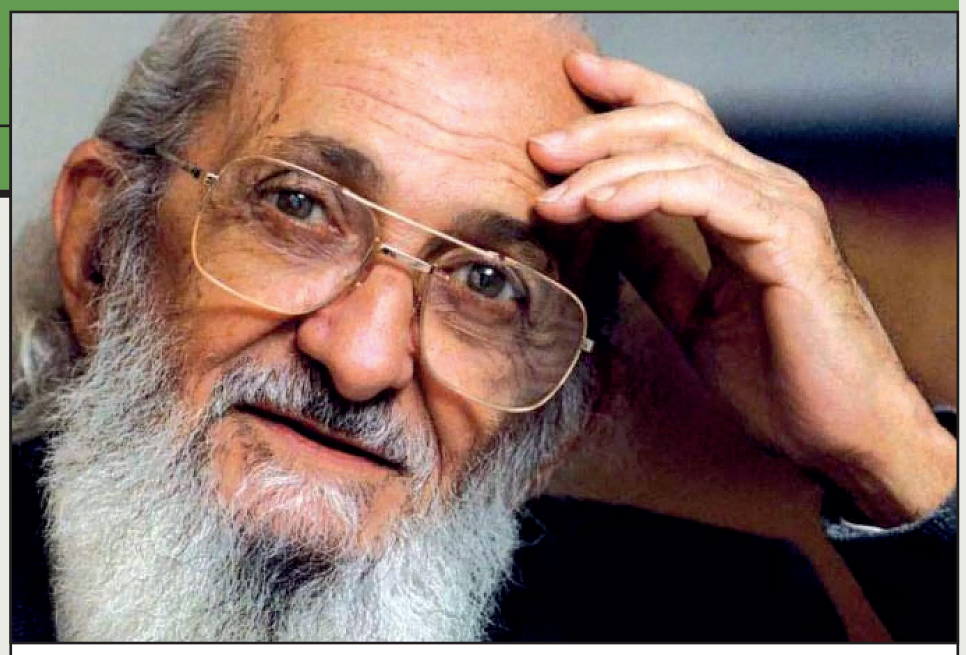
Na segunda "orelha" desse volume de 211 páginas, lemos este breve perfil: "Henrique Pongetti, cronista famoso e de estilo cintilante, às vezes acerado, às vezes sentimental, que se diverte de tempos em tempos em ser teatrólogo."

Seus livros merecem urgente reedição, especialmente os de crônicas, muitas das quais certamente estão no Portal da Crônica Brasileira, criado pelo mestre da crônica e biógrafo de escritores Humberto Werneck.

*Danilo Gomes é jornalista e membro da Academia Mineira de Letras.

Centenário do patrono da educação brasileira

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com



Paulo Freire: um marco na educação mundial.

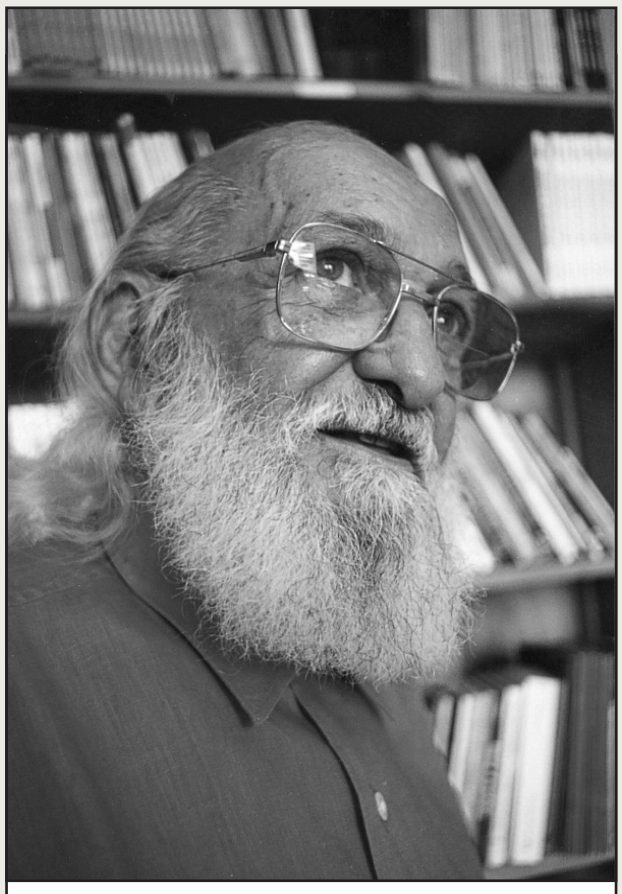
A pandemia do coronavírus provocou problemas sem precedentes em todo o planeta, espalhando crise econômica, política, ambiental e, sobretudo, ética. No Brasil, tivemos escancaradas feridas latentes, onde foram colocados à prova não só os direitos básicos de educação e saúde, como a própria democracia e a soberania nacional.

Num cenário com cerca de 175 mil mortes e quase 7 milhões de infectados, o país encerrou o ano letivo de 2020 com 35% (19,5 milhões) de alunos da educação básica e superior com aulas suspensas, enquanto 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas. Na rede pública, 26% dos que tiveram aulas on-line não possuíam acesso à internet. A pandemia tem mostrado a face da desigualdade no Brasil. Os dados estatísticos demonstram que, no acesso à educação, isso não tem sido diferente.

Inseridos nesse panorama, iniciamos o ano do centenário de nascimento do Patrono da Educação Brasileira, o educador Paulo Freire (1921-1997). Nada mais oportuno do que celebrar a data, vinculando a defesa do seu legado à atual conjuntura de luta por uma sociedade mais justa e igualitária, em busca da emancipação do diálogo e da conscientização dos direitos humanos.

Agraciado com cerca de 48 títulos, entre doutorados *honoris causa* e outras honrarias de universidades e organizações internacionais, Freire é considerado o brasileiro com mais títulos de doutorados *honoris causa*, sendo o escritor da terceira obra mais citada em trabalhos de ciências humanas do mundo: *Pedagogia do Oprimido*.

Na visão do educador, escritor e filósofo pernambucano, a leitura (e, no mesmo sentido, a escrita) somente faz sentido se for acompanhada da capacidade de perceber o mundo, de reconhecer os papéis desempenhados por cada um na estrutura social. Seu método de ensino agia com base nas palavras que faziam parte do cotidiano. O foco não era no conteúdo ensinado, mas no processo de aprendizagem.



Alfabetizar a partir da realidade social dos aprendizes: a grande novidade na metodologia freiriana.

Sua tentativa de levar uma conscientização política e de classe para os educandos talvez tenha sido o fator que mais despertou a ira de setores conservadores da época, responsáveis por extinguir o Plano Nacional da Alfabetização e pelo exílio de 15 anos.

A obra de Paulo Freire é profundamente marcada pela insistência de levantar-se um novo tipo de educação, capaz de dar autonomia às classes dominadas por meio do diálogo e de uma educação emancipadora. Para quem simpatiza com suas ideias, essa tarefa é necessária para a criação de um novo Brasil, mais justo e igualitário. Para quem discorda, há, em geral, o medo de que ela seja a "cartilha" para fazer o que setores conservadores têm chamado de "doutrinação marxista nas salas de aula". Essa acusação, sustentada nos dias atuais por grupos políticos ligados à extrema-direita, foi a mesma que o condenou, em 1964.

Preso e exilado pelo regime militar, foi inicialmente para o Chile, onde coordenou projetos de alfabetização de adultos, pelo Instituto Chileno da Reforma Agrária, por cinco anos. Em 1969, foi convidado a lecionar na Universidade de Harvard. Em 1970, foi consultor e coordenador emérito do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), com sede em Genebra, na Suíça. Até o seu retorno ao Brasil, em 1980, permitido pela Lei da Anistia, Freire fez viagens a mais de 30 países, prestando consultoria educacional e implementando projetos de educação voltados para a alfabetização, para a redução da desigualdade social e para a garantia de direitos.

De volta a São Paulo, passou a dar aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e na Universidade de Campinas (Unicamp). Entre 1988 e 1991, foi nomeado secretário de educação do município. Morreu no dia 2 de maio de 1997, aos 76 anos, após passar por uma angioplastia. Em todo o mundo, cerca de 350 escolas e instituições levam o seu nome.

Coerência

É justo que se façam presentes no centro das homenagens que serão realizadas até setembro de 2021, mês de seu nascimento (19/09), mobilizações por direitos básicos de cidadania, democracia e soberania, tanto quanto lutas antirracistas e feministas, além da defesa do acesso irrestrito à educação.

O autor da *Pedagogia do Oprimido* defendia, como objetivo principal da escola, ensinar o aluno a "ler o mundo" para transformá-lo. Com atuação e reconhecimento internacionais, desenvolveu esse pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação.

Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas ("escolas burguesas"), que ele qualificou de "educação bancária". Nelas, o professor age como quem "deposita conhecimento num aluno apenas receptivo". O saber é visto como uma doação dos que

se julgam seus detentores. Trata-se, portanto, de uma escola alienante.

Um conceito a que Paulo Freire deu a máxima importância foi o da coerência. Para ele, não é possível adotar diretrizes pedagógicas de modo consequente sem que elas orientem a prática, até em seus aspectos mais corriqueiros: "As qualidades e virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e fazemos", defendeu o educador.

Realidade atual

A reinvenção do pensamento de Paulo Freire ("Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção") se dará na medida em que se colocar em contundente diálogo com a realidade atual. O grande número de estudantes que tiveram as aulas suspensas no ano passado e a percepção de queda da qualidade do ensino brasileiro comprovam que os impactos da pandemia na educação são severos e exigem medidas articuladas entre os sistemas de ensino no país.

Não são poucos os relatos de estudantes sem equipamentos ou conexão à internet, famílias em situação econômica cada vez mais frágil, professores com crescentes dificuldades em manter os alunos engajados nas aulas remotas e pais tanto ansiosos quanto temerosos pela volta às aulas presenciais ainda sem um planejamento de aplicação da tão aguardada vacina.

O resultado dessa combinação é o crescente temor, entre educadores e pesquisadores, de que as circunstâncias impostas pela pandemia façam com que mais estudantes desistam da escola. A evasão escolar é um problema crônico, com alto custo humano, social e econômico para o Brasil. Dos quase 50 milhões de brasileiros entre 14 e 29 anos, mais de 20% – ou seja, 10,1 milhões de jovens – não completaram alguma das etapas da educação básica (que engloba os ensinos fundamental e médio), segundo pesquisa divulgada pelo IBGE, no final de 2020. De cada jovem que abandona a escola, o Brasil perde R$ 372 mil reais por ano. No total, o custo anual da evasão escolar é de R$ 214 bilhões, ou 3% do PIB (Produto Interno Bruto), com base na redução das possibilidades de emprego, renda e retorno para a sociedade das pessoas que não concluem a educação básica.

Paulo Freire acreditava na educação como ferramenta de transformação social, como forma de reconhecer e reivindicar direitos. "Compreender o mundo para transformá-lo" significa, sobretudo, compreender e viver a ética, a solidariedade e implementar as ideias "freireanas" no cotidiano das comunidades, instituições e movimentos sociais.

Mobilização continental

No início de um novo ano, apesar das dificuldades, não é tempo de desânimo. É preciso, no entanto, estar atento ao tamanho dos desafios impostos pelo destino para melhor enfrentá-los. A crise certamente não será eterna. Em algum momento ela passará e devemos estar preparados para a retomada de todas as atividades. Setembro é o mês das jornadas latino-americanas de luta em defesa da educação pública livre, laica e emancipatória, contra a mercantilização e a privatização: em direção ao centenário do nascimento de Paulo Freire.

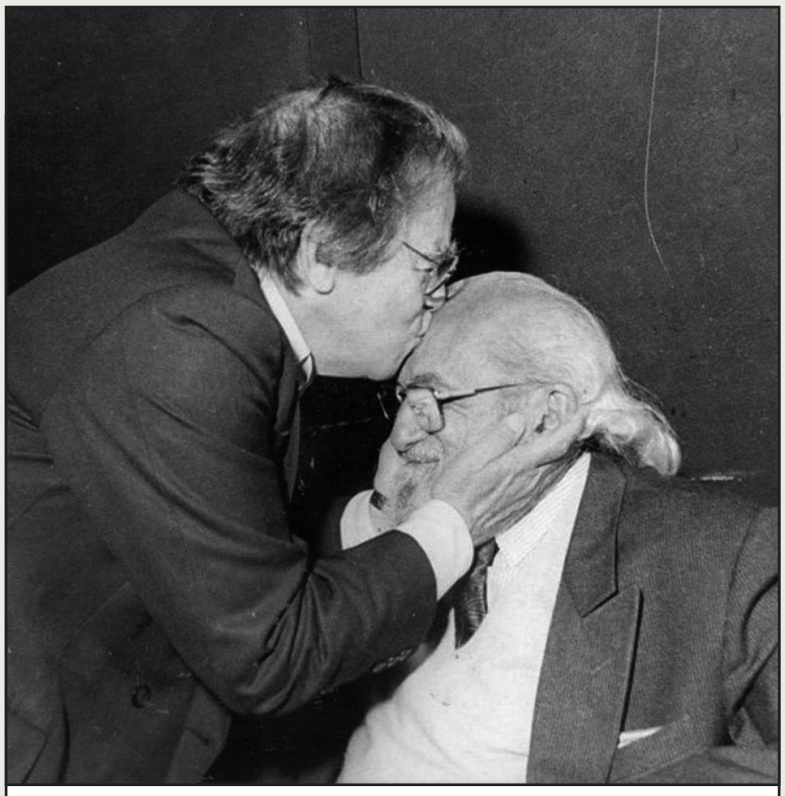
Chamada pela International Education for LatinAmerica (IEAL) e pela Rede Latino-americana de Estudos sobre o Trabalho Docente (RED ESTRADO) em 2017, essa mobilização continental defende a memória de Paulo Freire, patrono latino-americano da educação. Nesse ano do centenário, no dia 19 de setembro, a América Latina se reunirá em Recife, para lembrar e manter vivo o legado do Professor Freire.

Desde 2017, a IEAL e a RED ESTRADO realizam a Conferência Latino-americana em defesa da educação pública, laica, gratuita e emancipatória para o centenário de Paulo Freire, convocando todos os seus afiliados a realizarem eventos, dias de reflexão e luta, bem como publicações nas redes sociais em memória do legado do educador.

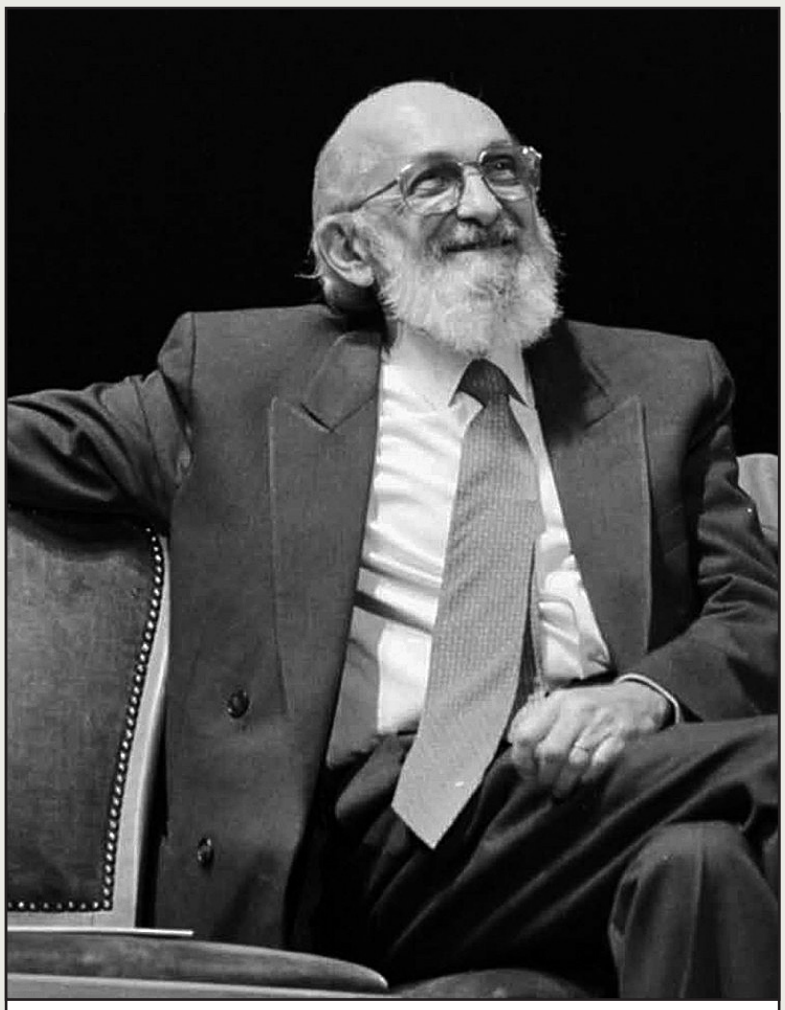
Para isso, a IEAL disponibilizou materiais de campanha nas redes sociais para distribuição gratuita. Compostos por 13 imagens e 8 vídeos otimizados para Facebook e Instagram, podem ser usados da mesma forma no Twitter. Tanto as imagens quanto os vídeos buscam resgatar as ideias de Freire em sua própria voz, utilizando citações textuais de livros e entrevistas.

Em 2019, atendendo convocação do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL), mais de 40 entidades representativas de diferentes segmentos se organizaram para lançar a Campanha Latino-americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire, produzindo um manifesto com um conjunto de justificativas. Entre elas, a da necessidade de se defender o legado do grande educador. Desde então, inúmeras atividades pedagógicas e culturais em homenagem a Freire vêm acontecendo.

Promover atividades em comemoração a essa data é o mínimo que podemos fazer para homenagear o célebre educador.



Paulo Freire e Darcy Ribeiro, além da semelhança na biografia, compartilharam o mesmo compromisso com a educação.



Paulo Freire, formado em Direito na Universidade de Recife, nunca exerceu a advocacia. Dedicou a vida ao magistério.

JL Literatura Infantil Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

À espera de tempos melhores

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Passamos um ano terrível com o mundo atordoado por uma doença estranha e maligna. De forma devastadora, cada um de nós, com certeza, teve um parente, um amigo querido ou alguém que admirávamos levado abruptamente do nosso convívio. Sem falar no distanciamento e na saudade de parentes e amigos para evitarmos o contágio. Mas, os amigos, a solidariedade, os encontros virtuais e, principalmente, a Literatura ocuparam nossos dias com encontros, leituras e descobertas.

Com o início de um novo ano, reuni aqui alguns desses amigos queridos que dividiram seu tempo conosco e multiplicaram afetos. Participam especialmente desta nossa página. Com eles reiniciamos a jornada, sem alegrias, sem comemorações, mas com esperança e ânimo para pensarmos um ano melhor!

Seria bom se conseguíssemos entrar em 2021 com esperança e poesia. Deixando para trás o que Camões chamou de "A grande dor das cousas que passaram". E sendo capazes de descobrir o segredo de responder às perguntas de Drummond: "Como acordar sem sofrimento?/ Recomeçar sem horror?"

Ana Maria Machado

Quarentena
Em que ano estamos?
Para onde foi o meu futuro?
Onde é que mora Deus?

Não era uma vez
O trem da história.

Na sombra do mundo perdido,
No vasto mundo de Drummond,
Faz escuro mas eu canto.

Leo Cunha, das lombadas dos livros da sua estante.

Janeiro: tempo de recomeçar, tempo de caminhar, tempo de esperançar...

Amir Piedade

A delicadeza
Dentro do silêncio dorme
Pétalas de amor.

Roseana Murray

Que para todos, o Ano Novo que se inicia seja melhor que o Ano Novo que se foi (e que já foi tarde!)!

Marisa Lajolo

Abrir um livro é como abrir uma porta em nossa casa: às vezes a gente abre a porta da frente, para deixar entrar uma visita inesperada; às vezes a gente abre a dos fundos, para deixar sair quem nos incomoda. E, às vezes, a gente abre a porta lateral (aquela que ninguém espera que se abra), para fugir, porque não aguenta mais ficar dentro de casa... Na verdade, tanto faz se o livro vai nos apresentar gente, nos livrar de incômodos, ou nos ajudar a escapar para outras plagas. O caso é que, sempre, em todas as ocasiões, ele é porta para algo; é abertura.

Rosana Rios

Estamos todos aguardando a vacina para o corpo, mas para a cabeça já existe uma ótima. O livro é a melhor vacina para estimular a criatividade, proporcionar conhecimento, inspirar novas ideias e provocar reflexões, além de ser indolor e muito divertido.

Vacine-se!

Alexandre de Castro Gomes

Anna Rennhack (à esquerda) e Eliana Yunes.

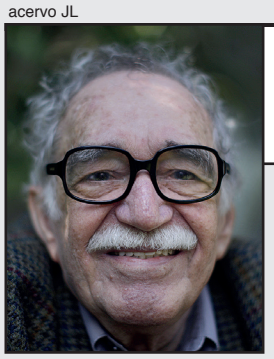
Na manhã que vem,
menos presentes inúteis,
menos lembranças vazias:
O que fazer com este ouro?
Onde acender este incenso?
Tudo o que buscas agora
é mirra para teu sofrimento
– humano.
Enquanto, em panos, só Ele vela
– divino.

Eliana Yunes

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

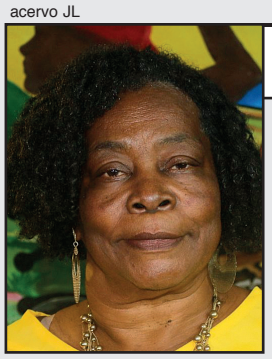
acervo JL



Gabriel García Márquez

(1927-2014) Escritor colombiano. Autor do livro *Cem Anos de Solidão* publicado em 1967. Com 17 anos, decidiu se tornar escritor, segundo ele, após ler *A Metamorfose* de Kafka. Em 1947, mudou-se para Bogotá para estudar Direito e Ciência Política na Universidade Nacional da Colômbia, porém não concluiu o curso. Ainda em 1947 publicou seu primeiro conto "A Terceira Resignação". Em 1948, foi para Cartagena onde foi jornalista no *El Universal*. Em 1955, pulicou seu primeiro romance, *A Revoada* (O Enterro do Diabo). Em 1958, foi para a Europa como correspondente jornalístico. Ao retornar para Barranquilla, casou-se com Mercedes Barcha, com quem teve dois filhos. Em 1971, recebeu título de Doutor *honoris causa* da Universidade de Colúmbia. Em 1982, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, pelo conjunto da obra. Era tão apaixonado por cinema que pensou em ser cineasta. Além da vasta produção literária de romances, contos, trabalhos jornalísticos, foi também roteirista de diversos filmes. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982, pelo conjunto da obra. Algumas obras: *A Outra Costela da Morte*, 1948; *Amargura para Três Sonâmbulos*, 1949; *Diálogo do Espelho*, 1949; *Um Dia Depois do Sábado*, 1955; *A Revoada* (O Enterro do Diabo), 1955; *Relato de Um Náufrago*, 1955; *Cem Anos de Solidão*, 1967; *Do Amor e Outros Demônios*, 1994; *Memórias de Minhas Putas Tristes*, 2004. Faleceu na Cidade do México, México, no dia 17 de abril de 2014.

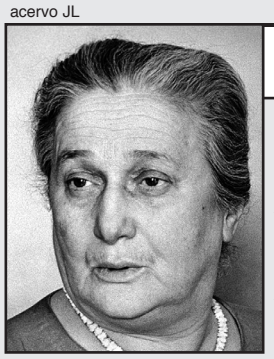
acervo JL



Aline França

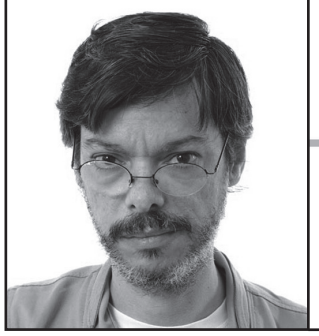
Nasceu em Teodoro Sampaio, no estado da Bahia, em 15 de fevereiro de 1948. Quando criança, trabalhou na agricultura junto com seus pais e também se dedicou à escrita. Na década de 1970, ingressou na Universidade Federal da Bahia como funcionária pública, atuando como telefonista no Instituto de Biologia. Em 1982, foi eleita suplente de um vereador pelo PMDB, em Salvador. Seu primeiro romance, *Negão Dony*, foi lançado em 1978. Em 1981, França publicou seu segundo romance, *A Mulher de Aleduma*, que conta a história de uma ilha onde os descendentes de Aleduma vivem em harmonia até que brancos resolvem transformá-la numa atração turística. A autora apresenta uma nova gênese para o povo negro, evocando uma reescrita da história contada e não contada. Este livro obteve reconhecimento crítico no meio literário, e a autora foi entrevistada pela revista nigeriana *Ophelia*, que a colocou como uma das precursoras da literatura contemporânea do gênero "ficção em estilo surrealista". Em 1982, seu poema "Mensagens dos nossos ancestrais" foi incluído na antologia *Poetas Baianos da Negritude*. Seu terceiro romance, *Os Estandartes*, foi publicado em 1993. Seus principais temas são a preservação e a revitalização dos valores culturais do mundo negro, engrandecendo as populações afro-brasileiras de maneira que seus leitores tenham orgulho de suas origens, de sua herança cultural e de sua identidade. Algumas obras: *A Mulher de Aleduma*, 1981; *Os Estandartes*, 1994; *Emoções das Águas*, 2005.

acervo JL



Anna Akhmátova

(Odessa, 23 de junho de 1889 — Leningrado, 5 de março de 1966) pseudônimo de Anna Andreevna Gorenko. Começou a escrever poesia aos onze anos de idade, mas o pai temia que Anna viesse a desonrar o nome da família. Assim, assinou os seus primeiros trabalhos com o primeiro nome da sua bisavó, Tatar. Estudou no liceu feminino de Tsarskoe Selo e no célebre Instituto Smolnyi de São Petersburgo, como também no Liceu Fundukleevskaia de Kiev e numa faculdade de Direito, em 1907. Teve uma longa amizade com a poetisa Marina Tsvetaeva, sua compatriota. Estas duas amigas trocaram uma correspondência poética. Casou-se com o poeta Nikolai Gumilev em 1910. Nikolai foi executado em 1921 por causa de atividades consideradas antissoviéticas. Foi forçada ao silêncio, não podendo a sua poesia ser publicada de 1925 a 1952 (excepcionalmente de 1940 a 1946). Excluída da vida pública, vivendo de uma irrisória pensão vivia de traduções de obras de escritores como Victor Hugo e Rabindranath Tagore. Após a morte de Stálin, em 1953, foi autorizada a viajar a Itália para receber o prémio literário Taormina e a Oxford, para receber um título honorário, em 1965. Sua obra compõe-se de pequenos poemas líricos como de grandes poetas. Fala sobre o passar do tempo, as recordações, o destino da mulher criadora e as dificuldades em viver e escrever à sombra do estalinismo. Na generalidade, a sua obra é caracterizada pela aparente simplicidade e naturalidade e pela precisão e clareza da sua escrita.



Desenharte

Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

A cartunista, caricaturista e ilustradora Liz França

Elizabeth Alves de França e Silva, a Liz França, é formada em Licenciatura em Educação Artística, pela UFPE – Universidade Federal de Pernambuco, e Mestrado em Ilustração e Animação pela Escola Superior de Design – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Barcelos, Portugal, concluídos respectivamente em 2009 e 2020. Nos anos de 2006 e 2007, marcou presença no Festival Internacional de Humor de Pernambuco fazendo caricaturas ao vivo. Entre 2007 e 2010, Liz estagiou no estúdio da premiada ilustradora Rosinha; além de ter atuado, entre os anos de 2009 a 2015, no jornal *Folha de Pernambuco* como ilustradora, cartunista e infografista. Ilustrou as diversas edições da série de livros *Comedoria Popular*, da chef e pesquisadora gastronômica Ana Claudia Frazão. Nascida no dia 24 de agosto de 1982, Liz França já participou de dezenas de exposições e salões de humor no Brasil e exterior, sendo premiada no *12th International Editorial Cartoon Competition* – 1° Lugar, em 2012, Ottawa, Canadá; e *3rd International Cartoon Competition Berlin* – Menção Honrosa, em 2012, Berlin, Alemanha; em 2017, foi agraciada com o Prêmio Especial no concurso *Philosopher Wang Yangming Caricature & Ancient China in the Eyes of Artists*, Beijing – China; em 2018 foi premiada duas vezes, Menção Honrosa no *XX Porto Cartoon*, de Portugal, e 3º lugar no concurso *Cavena Rid Award*, Itália; e, em 2020, recebeu Prêmio Especial no *12th Don Quichotte International Cartoon Contest'2020*, Istambul – Turquia. Marcou presença também, desde 2012, nas edições da mostra feminina Batom, Lápis e Humor, em Piracicaba.

A artista foi uma das 13 mulheres classificadas no concurso Quem te viu, quem te vê – Homenagem a Chico Buarque de Hollanda, que gerou duas mostras e um catálogo, evento que foi organizado pelo IMMuB – Instituto Memória Musical Brasileira, em maio de 2019.

Recentemente, a desenhista ilustrou o livro infantil *Bicicleta Roxa*, de Paty Sampaio, obra produzida pela Associação Metropolitana de Ciclistas do Recife – Ameciclo (ameciclo.org), com patrocínio do Itaú, e faz parte do projeto Bicicletas Coloridas, que tem como objetivo o debate sobre bicicletas e já conta com três livros publicados e outros a caminho. Os temas variam desde a promoção da bicicleta como meio de transporte, como também questões interseccionais, tratando sobre gênero, raça e questões LGBTQIA+. O foco principal é o público, infantojuvenil, mas também o adulto, através de textos breves e ilustrações. O livro *Bicicleta Roxa* será lançado no decorrer de 2021.

A teimosa

Na página do coletivo feminino *Elas por Elas – As Desenhistas Brasileiras*, as artistas responderam a seguinte pergunta: O que é ser uma artista no Brasil? Rápida e certeira, Liz França respondeu: "Ser teimosa!" De fato, para superar todas as dificuldades do mercado editorial e de artes no país, especialmente para as nossas desenhistas, a dedicação, a insistência, a persistência, enfim, a teimosia talvez seja mesmo a arma mais eficaz para manter-se com alguma regularidade no meio cultural. Por este mesmo coletivo feminino, Liz participou da exposição Nair de Teffé, a Primeira Dama da Caricatura, na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói, em março de 2018; e Elizeth Cardoso por Elas, mostra que, após ser cancelada por conta da pandemia do Covid-19, foi parcialmente exibida na internet, em julho de 2020.

A artista pode ser visitada no Instagram, no perfil @lizcartum. Contatos pelo endereço eletrônico lizcartum@gmail.com.

Saúde e Arte!

Elizeth Cardoso.

Nair de Teffé.

Noel Rosa.

Chico Buarque.

Affonso Cláudio e os sucessores da ancestralidade capixaba

Por Manoela Ferrari

A Academia Espírito-santense de Letras comemora 100 anos em 2021.

É através da memória que damos significado ao cotidiano e acumulamos experiências. O termo "academia" remonta à Academia de Platão – escola fundada pelo célebre filósofo grego nos jardins que um dia teriam pertencido ao herói *Akademus* (de onde vem o nome). Ali se buscava cultivar e perpetuar o saber.

Foi com esta ideia de debates, baseada no questionamento e na dialética socrática, que diversas instituições literárias surgiram na França, entre as décadas de 1620 a 1630. Em 1897, após a fundação da Academia Brasileira de Letras, foram sendo constituídas Academias em cada Estado da Federação brasileira. Sabemos, de antemão, que os atos inaugurais dessas instituições se consolidaram através de histórias que reúnem as coincidentes éticas e intelectuais de seus integrantes.

Em junho de 1921, surgiu a capixaba Academia Espírito-santense de Letras. Uma série de eventos estão sendo preparados, ao longo do ano, para celebrar seu centenário. Um deles será a publicação de um livro com textos sobre seus ilustres acadêmicos.

Ao ser convidada pela atual presidente, acadêmica Ester Abreu Vieira de Oliveira, para integrar essa importante antologia, busquei os ecos da ancestralidade capixaba que me habitam. Através do mergulho em minhas raízes, fui acrescentando as vozes que apropriei dos livros, dos personagens que por mim passaram, das publicações veiculadas na imprensa e de escritores conterrâneos que capturaram, em prosa e em verso, sentimentos que pareciam ser só meus.

Fiel à história e à íntima convivência com a palavra escrita, reafirmo a potência de nossa literatura. Somente através de textos passados podemos entender o presente e transformar o futuro. Eis a importância fundamental das Academias de Letras.

Quando me foi oferecida a opção de escolher um acadêmico para homenagear, na parte que me cabia da publicação como autora convidada, não poderia deixar de emergir em referências particulares que enchem a nossa família de orgulho. Elegi discorrer sobre a obra do irmão da minha trisavó Rosa de Freitas Cabral: o ilustre patrono da Academia Espírito-santense de Letras e primeiro governador do nosso Estado, Affonso Cláudio de Freitas Rosa (1859-1934). Em todos os seus textos, ouvimos a ressonância de um universo que gravitou sob a égide da ética, da justiça e do compromisso social.

Nossa memória está impregnada de impressões muito pessoais, subjetivas; mas toda nossa leitura parte de uma cultura socializada que cria valores comuns, desmistificando a crença de que o passado é apenas fóssil a ser catalogado ou sepultado. Nessa percepção, o tempo do meu ilustre antepassado se funde com um espaço dilatado, tornando a figura única de Affonso Cláudio de Freitas Rosa um ser plural, que a História e a Academia capixabas muito merecidamente imortalizaram na eternidade.

O nome do município de Affonso Cláudio é uma homenagem ao primeiro governador do Espírito Santo, nomeado em 20 de novembro de 1889. Mas importa-nos ressaltar, nessas breves linhas, a magnitude do seu legado não só na política, quanto nas letras e na cultura, em geral.

Influenciado pelas ideias de Tobias Barreto (1839-1889) e Sílvio Romero (1951-1914), Affonso Cláudio se destacou em narrativas e discursos. Fez aclamadas conferências e escreveu em jornais a respeito de questões fundamentais para a época, sobretudo em relação à causa abolicionista. Participou ativamente da fundação da Sociedade Libertadora Domingos Martins, em 1883. Depois de formado, casou-se com Maria Espíndola de Freitas Rosa e dedicou-se com fôlego ao direito dos cidadãos e às causas humanitárias.

Governou o Espírito Santo de 1889 a 1890. Em 1891, tornou-se desembargador e, logo depois, presidente do Tribunal de Justiça do Espírito Santo. Foi designado procurador-geral do Estado (1916-1917). Em 1920, aposentou-se como desembargador e foi morar no Rio de Janeiro, dedicando-se ao magistério superior na Faculdade de Direito de Niterói.

Na Academia Espírito-Santense de Letras, foi o primeiro ocupante da cadeira n° 1 e patrono da cadeira n° 27. Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, faleceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no dia 16 de junho de 1934.

Existe uma poética do tempo que é um mergulho único na eternidade: a fluidez da memória que se narra. Ao não se apagar através de registros, a história tem a capacidade de nortear as novas gerações. Principalmente a trajetória de figuras tão exemplares quanto a de Affonso Cláudio. Esse fino e frágil tecer foi o impulso que me moveu a traçar essas linhas a respeito do meu tio-trisavô, que registrou em seus escritos toda a grandeza de sua existência.

"Mandei fazer um barquinho, da casca do camarão, o barco saiu pequeno, só coube meu coração": eis uma pequena trova do cancioneiro capixaba colhida entre os inúmeros estudos que fez sobre nossa cultura.

Entre sua vasta obra literária, contribuições historiográficas, estudos de Direito e artigos da imprensa, destacamos uma de sua mais robusta e importante publicação: *História da Literatura Espírito-santense* (editada em 1912, com quase 600 páginas). Na introdução, um desafio às novas gerações: "À mocidade Espírito-santense, a quem incumbe a glória e o dever de venerar e aumentar o patrimônio literário que lhe transmitiram seus antepassados."

Escrito há 109 anos, a consistência do texto reforça o caráter vanguardista de seu pensamento, garantindo o tônus literário que o levou ao mérito do reconhecimento imortalizado: "Servindo à causa das letras de minha Pátria e em particular do meu torrão natal, a animação com que meus conterrâneos e amigos acolheram este livro e as expressões gentis com que acariciaram a leitura que do original fizeram, confortando-me em um estado da vida em que as desilusões fanaram todos os ideais, constituem um incentivo poderoso para que as profícuas pesquisas literárias prossigam e novos achados venham avolumar o acervo do nosso tesouro intelectual, fragmentado em monumentos que atravessaram mais de dois séculos, expostos a todas as vicissitudes. Essa tarefa pertence à mocidade; eu dou-me por satisfeito com a pequena contribuição que as páginas a seguir imperfeitamente condensam, certo de haver o assunto sido tratado por escritores de reputação feita no mundo literário em que vivemos; sem temor, porém, posso confessar que por esse motivo arrisco o meu obscuro nome, o brilho e a grandeza daqueles que o tenham de o eclipsar, servir-me-ão de consolo, ou na belíssima linguagem do maior historiador de Roma: '*Si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudineeorum, neoquinominiofficient, me consoler*' (Tito Livio)."

Os clássicos têm a incrível capacidade de continuar dialogando com um tempo ao qual não mais pertencem. Adjetivar Affonso Cláudio é uma missão que incorre na área superlativa. Não temo transgredir para o terreno do exagero ou da falsa modéstia em relação ao nosso parentesco, visto que estou amparada em registros documentais de uma obra de expressão inquestionável.

Somos todos sucessores da ancestralidade. É na literatura que encontramos a escrita de todas as lembranças. E é na história que resgatamos as raízes da transcendência. Através delas, ouvimos a ressonância de toda uma tradição. É nosso dever caminhar empenhados em assegurar às novas gerações o registro das características essenciais que nos tornam humanos.

Affonso Cláudio de Freitas Rosa (1859-1934), primeiro governador do ES e patrono da Academia Espírito-santense de Letras.

Pílulas para o silêncio

Por Clauder Arcanjo*

Na madrugada, em meio às lembranças das recentes brigas, ela via-se resoluta a quebrar os grilhões que a prendiam a ele.

Na manhã, ao lhe preparar o café, caprichou nas pitadas de sal sobre os ovos mexidos. "Que este sal te ofenda, condenado!"

Ele se serviu, repetiu; e, ao final, ainda lambeu os beiços.

Antes de sair, beijou-a com os lábios ovados, elogiando-lhe o sal e o tempero:

— Tudo uma beleza, querida! Esses ovos mexidos estavam no ponto! Só você, só você…

&&&

— O que tu relembras com esse olhar tão vago?

Não gostou de se ver interrompida. Girou o rosto em direção à parede da sala, e lá ficou.

— Por que tu te voltas para o passado? — indagou-a.

Ergueu-se, pôs nele dois olhos túrgidos. Dentro deles, a resposta passada a limpo: clara, dura e direta.

— Tudo bem, querida! Já não está mais aqui quem perguntou!

&&&

Quando o passado vale mais do que o presente, é porque o futuro já não se encontra afiançado.

Na vida, só as ações do presente rendem dividendos.

&&&

— Não está escutando? Que bela sinfonia!

— Mas…, se…nhor, eu…

— A sua vida é uma canção. Vamos, cante!

— Eu… eu… não…

— Não se faça de tímido. Por favor!

— Eu… so… sou… ga… ga.. gago.

— Tudo isso apenas para mais se valorizar. Cante mesmo assim!

— "Detalhes tão pequenos de nós dois…"

— Se você treinasse mais, e fosse menos introvertido, confesse-me, você desbancaria o Rei. Amanhã, amigo, daremos prosseguimento à nossa segunda aula de autoajuda. Repita comigo: se eu quero, tudo posso! E continue cantando!

&&&

No sertão mais distante, a faca assumia foros de espada, um boi gordo valia mais do que diploma, e uma cabocla bonita e assanhada virava mote para tragédias de ferro e sangue.

Quando o tempo passava, os cantadores de viola apresentavam tudo entre glosas de dores. Nos alpendres das fazendas do sertão mais distante.

&&&

Ninguém sabia da sua origem. Chegou montado num cavalo baio; apenas com a roupa do corpo e uma cicatriz funda na face esquerda.

— Ô, de casa!

— Ô, de fora! De onde vem, meu senhor?

— Venho de uma ribeira afastada. Posso me arranchar?

— Com a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, aqui não falta serviço!

Desceu, amarrou a montaria no mourão da frente. Quando andou, reparei, ele fazia um gingado diferente.

No outro dia, correu a catinga comigo, tangendo os zebuínos mais ariscos. Levava jeito no manejo do gado; na boca, um aboio bem forte e sofrido.

Duas noites depois, ele conheceu Das Dores, a única filha da comadre Gumercinda. Notei que a sua cicatriz se avermelhava quanto mais ele botava os olhos na menina.

Na madrugada seguinte, ele sumiu, levando na garupa Das Dores, a cabocla da Gumercinda.

No oitão da fazenda, quando a lua cheia rasga o céu estrelado, comadre Gumercinda chora e chora; diz ela que condenada a ouvir o aboio sofrido daquele vaqueiro ladrão.

*Clauder Arcanjo é membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

Adeus a Eduardo Lourenço

Por Maria Cabral

Um dos maiores ensaístas de Portugal, Eduardo Lourenço morreu aos 97 anos, no final de 2020. Conhecido pelas análises certeiras da identidade lusitana, o célebre crítico foi muito além da filosofia e da literatura. A sua escrita, única e inconfundível, revela, com linguagem poética, uma extraordinária intuição nas análises dos principais autores do século XX.

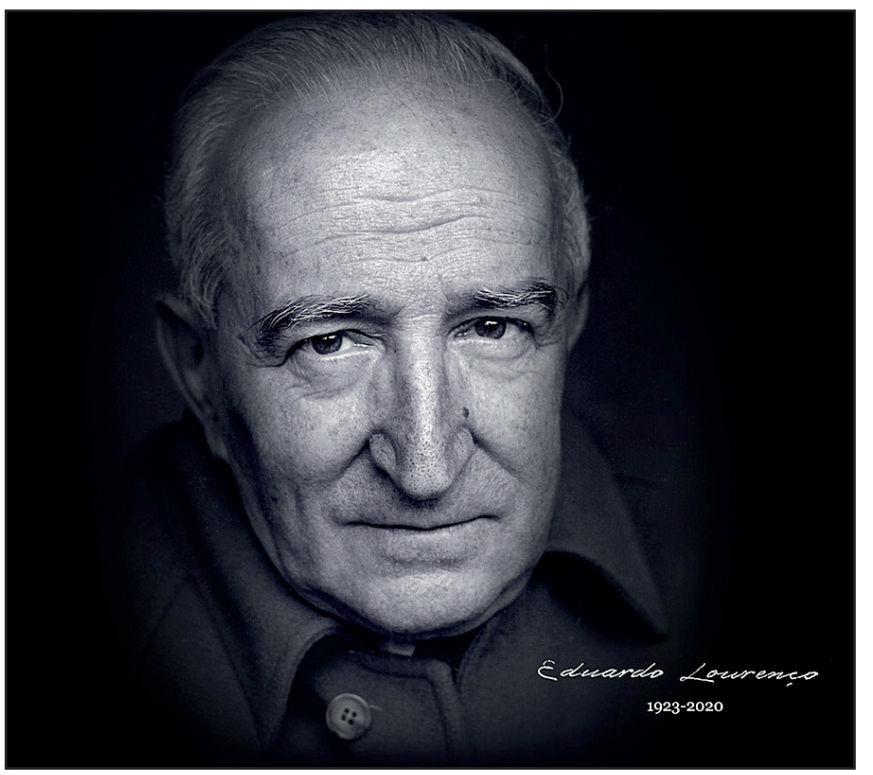
Não houve autor ou corrente relevante que lhe tenham passado despercebidos. Devoto seguidor de Antero de Quental e da sua geração, renovadora e audaciosamente crítica, seguindo na linha de Garrett e Herculano, considerou a cultura portuguesa como em constante diálogo entre tradição e inovação, entre identidade e diversidade, sempre estimulada pelos desafios da modernidade.

Nascido em São Pedro do Rio Seco, Portugal, em 23 de maio de 1923, o filósofo, ensaísta, crítico literário e escritor era licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas (1946). Permaneceu na Universidade de Coimbra como assistente de Filosofia, entre 1947 e 1953. Nesse período, publicou o primeiro livro, *Heterodoxia* (1949).

Foi professor de Cultura Portuguesa, entre 1954 e 1955, na Alemanha (em Hamburgo e Heidelberg), exercendo depois a mesma atividade na Universidade de Montpellier (1956-58). No ano seguinte, passou a viver em Salvador, Bahia, dando aulas de filosofia, na UFBA, onde manteve contatos com Glauber Rocha. "Um menino que trafegou entre a euforia e a tragédia" e assistiu à entronização de Jorge Amado como pai-de-santo.

Em 1960, mudou-se para a França e passou a lecionar nas Universidades de Grenoble (até 1965) e de Nice (1965-1987). Seu livro mais famoso é um estudo da mitologia lusitana: *O Labirinto da Saudade* (1978). Em sua bagagem, constam ensaios polêmicos como "Presença ou a contrarrevolução do modernismo português?" (1960), *"Sentido e forma na poesia neorrealista"* (1968) e "*Pessoa revisitado"* (1973). Dada a identificação de Fernando Pessoa com o erotismo muito semelhante ao do Rei da Baviera (Luiz), o autor acredita que ele era homossexual "pelo menos na cabeça".

Com uma clara autoridade moral, foi-lhe atribuída a Ordem de Santiago da Espada em 1981 e o Prêmio Europeu de Ensaio Charles Veillon (concedido em 1988 por ocasião da sua obra *Nós e a Europa ou as Duas Razões*) no ano em que foi colocado em Roma como adido cultural português.



Em 1996, recebeu o Prêmio Camões e, em 2001, o Prêmio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora. Em 2007, foi distinguido pela Universidade Bolonha com o título de Doutor *Honoris Causa* em Literaturas e Filologias Europeias. Viveu desde 1974 em Vence, vilarejo de 15 mil habitantes a 20 km de Nice, na Côte d'Azur francesa.

Um dos pensadores mais proeminentes da cultura portuguesa, era, desde 2016, um dos 19 conselheiros de Estado do presidente Marcelo Rebelo de Sousa, que, em nota enviada à imprensa no dia de sua morte, o considerou o mais destacado intelectual público de Portugal, como nenhum outro "alheio à altivez, à auto-satisfação, ao desdém intelectual, ao desinteresse pelas gerações seguintes". Rebelo de Sousa realçou a "coincidência simbólica" de "o maior pensador sobre Portugal vivo" ter morrido no dia da Restauração da Independência: "Portugal está-lhe muito, muito grato. Foi praticamente um século de serviço à nossa pátria."

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

O rapé de Dona Lúcia

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira

Com um lenço florido no cabelo, saia longa, estampada, azul com flores vermelhas e amarelas, chegava nas casas, antecipando um nascimento.

Sentava na cadeira e pedia café. Seus brilhantes e atentos olhos azuis faziam o reconhecimento da casa e da senhora que a esperava ansiosa. De sua saia com grandes bolsos internos, tirava seu rapé para cheirá-lo. Elemento básico de sua sobrevivência para dar um espirro e dizer "Jesus", e para cuidar dos umbiguinhos das crianças. Na casa, ficava até o umbiguinho cair. Mas nunca compartilhava com ninguém desse seu tesouro. Se pedissem um pouquinho, sorria e olhava para o outro lado.

Sorridente, conversava com as crianças, preparando-as para a chegada do irmãozinho que sempre trazia dentro de seu bolso. E quando o bebê nascia, o mais frequente à noite, ia até o quarto das crianças apresentar o irmãozinho, ou irmãzinha.

Onde achava tanta criança para trazer? Algumas vezes dizia que encontrou debaixo da ponte, outras vezes debaixo de uma bananeira, e ou na beira da estrada.

(Ouvindo-a, a menina pensava: – Debaixo da ponte? Que lugar frio! Haveria pedras? Inquietava-lhe. Talvez debaixo da bananeira. Possivelmente era um lugar melhor, mais macio. Na beira da estrada, havia poeira.)

Nunca avião ou cegonha trouxe nenês para ela aumentar e alegrar uma família. Só os seus grandes bolsos eram os portadores deles.

Como adquiriu o conhecimento de trazer crianças? De sua nona, que com seus pais vieram para o Brasil.

De sua vinda sempre se lembrava e narrava. As ondas batiam em espumas nas laterais do navio. Longa foi a travessia.

Numa manhã fria de Nápoles, saiu com sua nona, pais e irmãos. Tinha treze anos. A terra foi pouco a pouco desaparecendo. Foram dias e dias só de sol, noite e água. Interminável. E o balanço constante deixava-a enjoada.

Finalmente apareceram montanhas. Era uma manhã luminosa. Desceram no Rio de Janeiro. Ali ficaram uns dias e, numa manhã cedinho, pegaram o trem misto que os trouxe para o Espírito Santo.

Foi todo um dia de viagem. Entre apitos, fumaças e solavancos, via passar casas, árvores, montanhas, rios. Enfim chegaram a uma cidade. Era noite. Foram para um hotel. Pela manhã, em um caminhão, partiram para a fazenda. Seu pai iria cuidar de café e não mais de trigo.

Sua nona plantou tabaco perto do cafezal e pôde fazer rapés. Foi com ela que aprendeu os benefícios desse produto medicinal: Atchim!! Jesus!!!

Título de cidadania aprovado

Por Marly Mota*

Para cumprir pontualmente o horário da reunião festiva, final da tarde, o carro guiado por mãos ágeis ganhou rapidez pelos caminhos tantas vezes percorridos na infância da cidade que me acolhe e atiça a memória para as coisas boas que aconteceram. Em dualidade com a menina ruiva que me acompanha, retomamos nossos caminhos de saudades, pela rua onde moramos, ao longo da Rua do Frade, ocupada com cadeiras ao longo da calçada, onde morava o sacristão da Igreja Matriz, pai das minhas colegas do Colégio Santana, Zezita e Creusa de Moura Leal. Bem perto estávamos do prédio do Centro de Cultura de Bom Jardim, onde, convidada, no final da tarde, fiz a palestra na solenidade dos 118 anos da "Emancipação Política da Cidade"de Bom Jardim. Por sugestão do vereador Marconi Gustavo Santana, autor do projeto de resolução, em 16 de fevereiro 1998, concedendo-me o título de cidadã, aprovado pelos membros da Câmara Municipal de Bom Jardim, Casa Desembargador Dirceu Borges.

À porta da Câmara Municipal, pontualmente estavam meus pais, Manuel e Maria Digna Cavalcanti de Arruda, meus três irmãos, meus filhos. O escritor Mário Souto Maior e Carmem Mota Barbosa, ambos primos entre si, meus também. O excelente compositor Dimas Sedicias tocava vários instrumentos. Em 2009, noite da minha posse, cadeira 29 na Academia Pernambucana de Letras, lancei dois livros: *Além do Jardim* e *O Mundo e o Carrossel*. Dimas Sedícias escreveu: Marly, não li o seu livro, *Janela*. Devorei-o. Você não me deu chance de parar para respirar. Esta é a única maneira de sentir e participar das emoções que também são minhas e de todo bom-jardinense que se preza. O maestro Tetê, mestre da Banda: Grêmio Lítero Musical Bom-jardinense, conhecido também como Maestro. Além do Grêmio Lítero Musical, havia duas bandas populares: O Caldeirão, a populacho "Rabada". O povo em geral era forte na torcida do Caldeirão. Gritava: "Caldeirão Rabada" não! Repetidas vezes!

Muitos amigos participaram da sessão: o escritor e jornalista D. Felix, além de José Dácio, pai do excelente compositor Braulio de Castro, acompanhado de sua amada Fátima. Ambos dedicaram-se à música e letra. "Um Bloco para Marly Mota." A capa do CD, traz cópia do meu quadro, Pátio da Matriz. Oferta minha, prazerosa: o compositor Braulio de Castro escreveu: "Nossa cidade, tão calma, tão bela, eu vi do teu livro: *Janela*, letra e música gravadas no CD Um bloco para Marly Mota', em homenagem à grande dama da cultura bom-jardinense." Terminada a sessão entre os muitos abraços, ouvimos o apito do trem entrando na cidade. A luz do farol focando as paisagens das serras que floresciam como um jardim de Ipês dourado e amarelo. Tempos depois, a cidade não era a mesma sem o trem. Arrancaram o coração das pessoas, desativando as linhas férreas. Passado algum tempo, fomos à antiga Estação da Great Western. Uma expeça vegetação, cobria tudo, ninguém entrava no estrito caminho dos trilhos. Lembrei, de um discurso de Cecilia Meireles: "Procurei pelo chão os sinais do meu caminho e não vi nada, porque as ervas cresceram e as serpentes andaram."

Sou bom-jardinense, isso eleva meus sentimentos, humanístico e espiritual. Preencho o meu tempo dedicando-me a leituras, releitura de alguns livros: *Humanismo Integral*, de Jacques Maritain. Demorei a aceitar o computador, que nos concede maior aproximação com os amigos. À época muito festejado pelos meus netos no meu pequeno espaço que chamo de ateliê, em meio aos livros, telas tintas, pincéis; para quem faz como eu, da pintura, da leitura, da música uma extensão de afetos.

*Marly Mota é membro da Academia Pernambucana de Letras e membro União Brasileira de Escritores, UBE – Rio de Janeiro.

Tatuada – um mini-conto para a quarentena

Por Rogério Faria Tavares*

A campainha tocou três, quatro vezes, impaciente. A sua neta preferida chegou, vovó. E veio para ficar..., cantarolava, do lado de fora, a voz ainda adolescente, mas já decidida. Entre medicamentos e seringas, Renata franziu o cenho, prevendo dias tumultuados. A menina não era fácil: Mimada, cheia de vontade, acha que pode fazer o que quiser, em todo lugar", comentava com as outras enfermeiras em seus grupos de *whatsapp*. "Renatita, querida, que saudade, que alegria. Sentiu minha falta?" "Você avisou sua mãe que está aqui, Glória? Se não ligar para ela, eu vou ter que avisar. A saúde de sua avó é muito delicada. Você não pode colocá-la em risco. Você se cuidou nos últimos dias?" "Você acha que eu sou louca, Renatita? Eu pareço, mas não sou. Fiz tudo certinho. Eu me cuido! *Take it easy*, Renatita, *take it easy*!" Avançando pela sala de visitas, sem cerimônia, no seu rastro deixava o barulho de sempre, esbarrando nas quinas, derrubando porta-retratos, entoando, desafinada, o que escutava pelo fone de ouvido, um sucesso qualquer do momento.

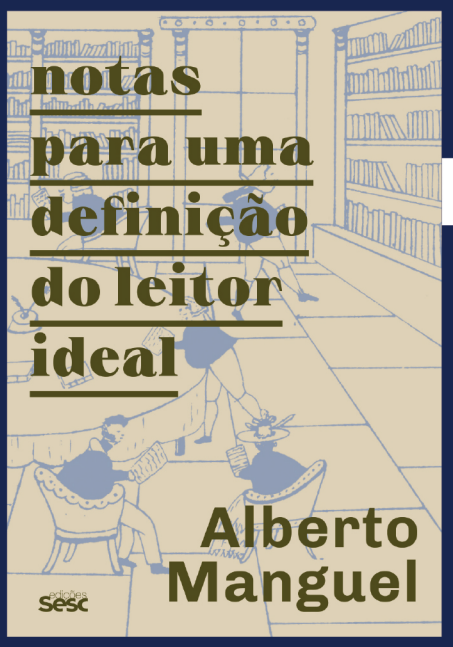
O cabelo conservava o azul das outras vezes, mas a mochila era bem maior, e parecia pesada. "Vim passar a *segunda onda* com a senhora, vovó. Ficar esse tempo todo na minha casa, a senhora sabe, é impossível." Djanira não entendeu direito o que lhe dizia a neta, fixando sua atenção no *piercing* com que a garota se enfeitava. "Será que ela consegue respirar com essa argola no nariz?", pensou, antes de receber uma flechada de beijos molhados na face comida pelo tempo. "Que *segunda onda*, Glória?", teve forças para perguntar. "O tal vírus continua por aí, vovó. A senhora não ouviu falar? Acabou a moleza: agora é todo mundo em casa de novo".

Já na cozinha, a menina catou o que queria para o sanduíche, não sem reclamar com Renata sobre a falta do *catchup*. Em um minuto, engoliu um pão com tomate, alface, um bife de frango grelhado e a maionese disponível. Voraz, ainda deu conta de uma ou duas maçãs, enquanto procurava pelos refrigerantes inexistentes no apartamento onde agora resolvera se refugiar. A cuidadora não conseguiu esconder a apreensão: "Você tem certeza de que vai aguentar ficar aqui esse tempo todo? Os hábitos de sua avó são muito diferentes do seu." "Vovó me ama, Renatita. Ela vai adorar conviver comigo esses dias. Pode crer. Eu quero saber é da coca-cola. Aqui não tem coca-cola?" "Você não pode com açúcar, Glória, toma tento", advertiu a enfermeira, habituada aos diabéticos da família. Instalando-se no quarto ao lado, um dia ocupado por sua mãe, logo arranjou o espaço para abrigar suas coisas. Jogou os dois pares de tênis num dos cantos e pendurou os acessórios num dos cabides que resgatou do fundo do armário. Enquanto tirava a roupa, doida para tomar banho, acompanhava a sucessão frenética de notícias no aparelho de tevê que acabara de ligar. "Ele é potente mesmo, pegou o planeta inteiro. E não vai embora!" Nua, mirou-se no espelho, conferindo as tatuagens. Abrindo as costelas, imaginou mais uma, na altura do pulmão: "aqui, um *coronão,* bem charmoso. Que tal, Glorita?"

Uma semana depois, acordou incomodada, o pescoço empapado em suor. Renata mediu-lhe a temperatura, confirmando a febre. A tosse seca chegou na mesma noite, importunando-lhe o sono. O ar começou a lhe faltar nas horas seguintes, deixando a cuidadora apavorada. Assintomática, Djanira passou por tudo incólume, alheia à tensão circundante. Passaria ainda uma década e meia perguntando à Renata porque sua neta preferida não a visitava mais.

*Rogério Faria Tavares é jornalista, doutor em Literatura e presidente da Academia Mineira de Letras.

LANÇAMENTOS



NOTAS PARA UMA DEFINIÇÃO DO LEITOR IDEAL

Alberto Manguel

Livro reúne textos de conferências, artigos e ensaios produzidos pelo autor nas últimas décadas, alguns dos quais publicados em suplementos literários, que tratam de temas diversos mas, de modo geral, todos associados à literatura, ao leitor e à leitura.

TRAVESSIAS IMAGINÁRIAS literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva

Mirna Queiroz (org.)

Livro oferece um panorama crítico da literatura de língua portuguesa produzida nos últimos 20 anos, contribuindo para a reflexão sobre aspectos narrativos, tendências temáticas e as relações de proximidade ou negação entre os escritores do período abordado.

POR TODOS OS CAMINHOS Pontos de Cultura na América Latina

Célio Turino

Livro registra a interação de países latino-americanos com projeto brasileiro criado no início dos anos 2000, uma iniciativa essencialmente comunitária que retoma formas ancestrais de sociabilidade baseadas no compartilhamento e na colaboração.